

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – RJ

LUCIANA PINTO BENAMOR

“ESTRELA VERMELHA DA SÉRVIA, NUNCA DA IUGOSLÁVIA”

Uma análise sobre a participação dos *hooligans* do Estrela Vermelha de Belgrado no  
ressurgimento do nacionalismo sérvio

NITERÓI  
NOV/2012

LUCIANA PINTO BENAMOR

“ESTRELA VERMELHA DA SÉRVIA, NUNCA DA IUGOSLÁVIA”

Uma análise sobre a participação dos *hooligans* do Estrela Vermelha de Belgrado no ressurgimento do nacionalismo sérvio

Monografia apresentada ao Centro  
Universitário La Salle–RJ como  
requisito parcial para a obtenção do  
título de bacharel no curso de Relações  
Internacionais

Orientador: Carlos Frederico de Souza Coelho

NITERÓI  
NOV/2012

LUCIANA PINTO BENAMOR

“ESTRELA VERMELHA DA SÉRVIA, NUNCA DA IUGOSLÁVIA”

Uma análise sobre a participação dos *hooligans* do Estrela Vermelha de Belgrado no ressurgimento do nacionalismo sérvio

Monografia apresentada ao Centro  
Universitário La Salle–RJ como  
requisito parcial para a obtenção do  
título de bacharel no curso de Relações  
Internacionais

Aprovado(a) em:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof: Carlos Frederico de Souza Coelho (Orientadora)

---

---

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente à vida e a tudo que a faz ser essa jornada maravilhosa e que nos possibilita aprender com todos os acontecimentos que nos rodeiam. Ao meu Guru Sri Sri Havi Shankar que me ensinou a ver as experiências de forma leve e humana e mostrar que o mundo é nada mais que amor.

À minha família, por sempre ficar ao meu lado, me incentivando nas minhas mudanças e nos meus projetos. À minha mãe, sem ela não seria nada, é o meu exemplo de pessoa, de responsabilidade, de superação e de comprometimento, sempre me apoiando de forma honesta e verdadeira. Ao meu pai que, apesar de estar longe acompanha muito de perto o que muitas pessoas que estão perto, acompanham de longe. Rafael, meu irmão, que sempre foi companheiro e me mostra, todo o dia, o lado bom da vida, pois faz tudo sempre com muita dedicação, felicidade e disciplina.

Ao Hugo, meu parceiro de vida, com um poço de paciência para respeitar as minhas ausências, sempre com um sorriso maravilhoso no rosto e me incentivando com as palavras certas sempre que eu achava que as coisas poderiam ficar complicadas.

Aos meus amigos por tantos momentos inesquecíveis, vocês fazem a rotina pesada de todos os dias valer a pena. Agradeço em especial à Clara, Ivy, Marcela e Thiago que, juntos, compreendemos e ajudamos uns aos outros. Agradeço também a minha prima Lara e a minha amiga Taiany pelo apoio incondicional em todos os momentos.

Ao meu Professor orientador Carlos Frederico por toda a ajuda e doação de tempo nesse momento de extrema importância na minha vida em que termino uma etapa. Aos outros professores que compõem o quadro acadêmico do curso de Relações Internacionais da UNILASALLE. Vocês foram a minha maior inspiração. Obrigada por serem esses Mestres indescritíveis e me fazerem amar esse curso tão lindo.

Ao Professor Adriano Freixo pela entrevista concedida, me ensinando sua sabedoria em relação ao futebol e a presença desse esporte na dinâmica das Relações Internacionais.

E, finalmente, ao jovem sérvio Dragan Dovicin, que mesmo estando muito longe, conseguiu estar disponível para fornecer informações essenciais para o presente trabalho.

**“ESTRELA VERMELHA DA SÉRVIA, NÃO DA IUGOLSÁVIA”**  
**Uma análise sobre a participação dos hooligans do Estrela Vermelha de Belgrado**  
**no ressurgimento do nacionalismo sérvio**

**RESUMO**

Esta monografia apresenta a relação entre futebol, nacionalismo e política, trazendo como estudo de caso dos hooligans do Estrela Vermelha de Belgrado que foram de extrema importância para o ressurgimento do nacionalismo sérvio e serviram como instrumento político para Milosevic. Dentro dessa perspectiva faz uma breve contextualização histórica desde a dominação Turco-Otomana (século XVI) até a dissolução da Iugoslávia (2003). Concluiu-se que o caso dos torcedores do Estrela Vermelha aparecem como o principal exemplo do envolvimento entre futebol e nacionalismo chegando ao extremo em que participam de um exército que promoveu inúmeros massacres na Guerra Civil da Iugoslávia na década de 1990.

**Palavras-chave: Estrela Vermelha de Belgrado, hooligans, futebol, nacionalismo, Iugoslávia, Balcãs e Sérvia.**

**“RED STAR SERBIA, NEVER YUGOSLAVIA”**  
**An analysis of Red Star Belgrade hooligans participation in the resurgence of**  
**Serbian nationalism**

**ABSTRACT**

This monograph presents the relationship between football, nationalism and politics, highlighting as a case of study the Red Star Belgrade hooligans who were extremely important for the revival of Serb nationalism and became an instrumental political tool to Milosevic. For a best comprehension, the study makes a brief historical background since the Turkish-Ottoman domination (XVI century) to the dissolution of Yugoslavia (2003). It was concluded that the of Red Star fans appear as the prime example of engagement between football and nationalism as they made part of an army that promoted numerous massacres in Yugoslavia Civil War in the 1990s.

**Key-words: Red Star of Belgrade, hooligans, football, nationalism, Yugoslavia, Balkans, Serbia.**

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

- 1. Figura 01 – O mapa atual da região dos Bálcãs<sup>14</sup>**
- 2. Figura 02 – O mapa da região dos Bálcãs 1815<sup>15</sup>**
- 3. Figura 03 – O mapa da região dos Bálcãs em 1913<sup>21</sup>**
- 4. Figura 04 – O mapa das etnias dos Bálcãs em 1989<sup>29</sup>**
- 5. Figura 05 – Arkan e os Tigres<sup>50</sup>**
- 6. Figura 06 – Pintura no muro do estádio do Estrela Vermelha de Belgrado em que está escrito “heróis”<sup>51</sup>**
- 7. Figura 07 – Os dizeres “Kosovo é Sérvia” no site oficial do Delije<sup>57</sup>**

## SUMÁRIO

### **1. INTRODUÇÃO10**

1.1. Justificativa e Delimitação10

1.2. Hipótese e Objetivo11

1.3. Metodologia12

1.4. Estrutura do Trabalho13

### **2. A FORMAÇÃO DA IUGOSLÁVIA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA14**

2.1. Os mitos nacionais14

1.1. **O mito da Grande Croácia16**

1.2. **O mito da Grande Sérvia17**

2.2. O Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos19

1.3. **O surgimento e a evolução da ideia iugoslava19**

1.4. **A Primeira Guerra Mundial e a criação do Reino21**

2.3. A Segunda Guerra Mundial e a Iugoslávia Comunista25

2.4. Milosevic e as guerras ideológicas da década de 199027

2.5. Conclusão30

### **3. O FUTEBOL E O NACIONALISMO32**

3.1. O desenvolvimento da consciência nacional32

1.5. **Os conceitos32**

1.6. **O construtivismo e suas influências33**

1.7. **As Comunidades Imaginadas de Benedict Anderson34**

3.2. O nacionalismo e suas abordagens analíticas35

1.8. **A abordagem Primordialista35**

1.9. **A abordagem Funcionalista36**

1.10. **A abordagem Narrativa36**

3.3. O futebol como ferramenta ideológica37

1.11. **Os Hooligans39**

1.12. **O futebol e o Comunismo40**

3.4.Conclusão42

#### **4. O ESTRELA VERMELHA DE BELGRADO44**

4.1.A criação do Estrela Vermelha e o nacionalismo sérvio44

4.2.Os torcedores e os conflitos étnicos da década de 199046

4.3.Quem foi Arkan?48

4.4.Do apoio ao repúdio à Milosevic52

4.5.Conclusão53

#### **5. CONCLUSÃO55**

#### **6. BIBLIOGRAFIA59**

6.1.Bibliografia Virtual61

6.2.Referências Audiovisuais61

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.13. Justificativa e Delimitação

Antes do século XX, a região dos Bálcãs encontrava-se dividida entre dois grandes impérios: o Turco-Otomano e o Austro-Húngaro, porém após a I Guerra Mundial (1914 – 1918) esses dois impérios entraram em colapso e inúmeras nações foram formadas. Em 1918 o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos foi constituído, trazendo essas nações sob o comando de uma monarquia, porém essa organização acabou enfrentando dificuldades devido as divergências sobre como o reino deveria ser comandado (UNC<sup>1</sup>, 2004, p. 2 e 3)<sup>2</sup>

Com a explosão da II Guerra Mundial e a invasão nazista, os *Partizans*, um grupo de resistência organizado pelo Marechal Tito, lutou contra essa ofensiva alemã e acabaram tendo êxito. Tomaram controle da região e estabeleceram um regime comunista aos moldes na URSS. Porém, na década de 1980, com a morte de Tito e a ascensão de Milosevic, as disputas entre as diferentes identidades voltaram ao cenário iugoslavo culminando nos conflitos étnicos em 1991.

Na Sérvia, os torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado acabaram tornando-se os protagonistas dessas batalhas quando começaram a fazer parte do exército de Arkan<sup>3</sup>, os “Tigres”.

Devido à falta de debate sobre o tema na academia brasileira, ironicamente, no país do futebol, um trabalho que tratasse do tema parece justificar-se por si só. Presume-se que o esporte adquire inúmeras simbologias, sendo exatamente na Sérvia que encontrou seu auge metafórico, o da identidade nacional, tornando-se parte de um conflito armado.

*(...) É impossível falar sobre o Estrela Vermelha sem se referir a atrocidade. Em nenhum outro lugar o futebol esteve tão entrelaçado*

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos Europeus da Universidade da Carolina do Norte, EUA.

<sup>2</sup> *Prior to the 20th century, the region found itself in between two great empires, the Ottoman Empire and the Austro-Hungarian Empire. (...) But after the First World War (1914 -1918), both of these empires collapsed and many new nations were formed out of the pieces. (...) in 1918 the Kingdom of Serbs, Croats and Slovenes announced its existence, bringing together several of these regions under one monarchy. Governance was not easy for the new kingdom, as there were differences in how the state should be set up administered.*

<sup>3</sup> Arkan nasceu na Iugoslávia, viveu a vida cometendo crimes em vários países da Europa e ficou conhecido por suas fugas. Voltou para Belgrado e conseguiu entrar para o Serviço Secreto da Iugoslávia como pistoleiro e virou um grande aliado de Milosevic devido a sua ligação com os torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado. (FOER, 2005, p. 21 e 22).

*com a desintegração do regime Comunista e, também, essa desintegração nunca foi tão longa e tão prolongada. (...) Os seus torcedores – chamados de Delije – (...) merecem sua reputação. Alguns deles são racistas, lutam e outros cometeram crimes de guerra (...) (WILSON, 2006, p. 103)<sup>4</sup>.*

Além disso, vale ressaltar que o futebol já é tema de várias discussões sobre a interação entre esporte e relações internacionais, principalmente por poder ser usado tanto como “*soft power*” como também para manifestações nacionais.

Devido à peculiaridade do *hooliganismo* sérvio que, através da simbologia desse esporte, interferiu na desintegração de um país, evento importante para a comunidade internacional, parece relevante que deva ser mais bem explorado e ter a sua devida atenção no debate acadêmico brasileiro, uma vez que o futebol faz parte da cultura e da identidade do Brasil.

#### **1.14. Hipótese e objetivo**

A hipótese principal que rege esse trabalho é a de que os torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado foram de extrema importância para a formação de um exército que fez parte das tropas de Milosevic e para o renascimento do nacionalismo sérvio que acabou, anos depois, o tirando do poder.

Essa hipótese é baseada no fato de que para se guerrear em nome de um nacionalismo sérvio, Milosevic apoiou a criação de um exército formado por torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado, um time de futebol.

Afinal, sob um regime comunista, que unia inúmeras identidades nacionais que já haviam entrado em conflito entre si inúmeras vezes, era de se esperar que sentimentos radicais nacionalistas viessem a surgir, principalmente no esporte.

Nesse sentido, a presente análise tem o objetivo de entender como se deu essa relação entre a construção da consciência nacional manifestada no futebol, culminando na participação de torcedores do clube fazendo parte de um grupo paramilitar.

---

<sup>4</sup> (...) *it is impossible to discuss that Red Star without reference to atrocity. Nowhere was football so entwined with the disintegration of the Communist regime, and nowhere was the disintegration so prolonged (...). Their fans – the Delije as they are now called – (...) their reputation is deserved. Some of them are racist, some of them do fight, and some of them did commit war crimes (...).*

### 1.15. Metodologia

O trabalho apresenta a figura metodológica do estudo de caso, que, de acordo com GIL, “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2010, p.37) e que possui o propósito de “proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são influenciados por ele” (GIL, 2010, p. 38).

Com o objetivo de entender a interferência do *hooliganismo* nos eventos na Iugoslávia, a metodologia identificada, servirá “como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real” (GIL, 2010, p. 37).

Como existe pouca bibliografia sobre o tema, além de se usar a pesquisa documental, pois para GIL “A consulta a fontes documentais é imprescindível a um estudo de caso” (GIL, 2010, p. 121), através de artigos acadêmicos, livros, revistas acadêmicas e websites, o trabalho também utilizará das entrevistas como obtenção de coleta de dados que, apesar de existir a necessidade de se entender as limitações desse tipo de abordagem, como a precisão dos dados, a história depende de pessoas como suas fontes (MOYER, 1993).

Richard Mills, em seu artigo “Tudo terminou de uma maneira não esportiva: o futebol sérvio e a desintegração da Iugoslávia, 1989-2006”<sup>5</sup>, utiliza a entrevista como método de coleta de dados e fala que “Thompson nota que para a história social, a falta de evidências documentais em muitos campos de interesse é tanta que a utilização de entrevistas pode dá uma dimensão completamente diferente ao assunto” (MILLS, 2009, p. 6 e 7, apud, THOMPSON, 1978, p. 100)<sup>6</sup>.

Para complementar a pesquisa documental e melhor entender a realidade do conflito, por pessoas da região, o autor entrevistará três pessoas que irão servir para o melhor entendimento do leitor sobre o tema abordado: Dragan Dovicin, um jovem sérvio, para identificar se, atualmente, o Estrela Vermelha de Belgrado ainda é relacionado ao nacionalismo.

---

<sup>5</sup> *It all ended in an Unsporting Way: Serbian football and the Disintegration of Yugoslavia, 1989 - 2006*

<sup>6</sup> *Thompson notes that for the social historian, the distinct lack of documentary evidence in many fields of interest is such that use of oral sources can introduce na entirely new dimension to the subject*

Em resumo, o presente trabalho utilizará de entrevistas e pesquisas documentais para estabelecer a relação dos *hooligans* com o nacionalismo sérvio representado pela participação dos torcedores na ascensão de Milosevic ao poder, nos “Tigres” de Arkan e nas manifestações populares contra o ditador que vieram a tirá-lo do poder.

#### **1.16. Estrutura do trabalho**

Para o melhor entendimento do leitor, o trabalho terá três capítulos. O primeiro procura estabelecer um breve contexto histórico a fim de tratar as bases da Guerra Civil iugoslava da década de 1990, para tal fará um levantamento histórico dos acontecimentos anteriores à formação do Estado Iugoslavo e abordará a evolução dos sentimentos radicais separatistas durante a Era Tito para que o leitor possa entender melhor os fatores que levaram às guerras e à desintegração do país

O Segundo capítulo tem o objetivo de conceituar e abordar a construção nacional e o nacionalismo e a identidade, como também relacionar o conteúdo ao caso do renascimento nacional sérvio tanto pré-regime do Marechal Tito, como sua evolução após a sua morte. Ao final pretende explicar a forma com que o futebol era organizado dentro de um regime comunista e de que maneira esse fato é importante para a compreensão do estudo de caso.

Para finalizar, o terceiro capítulo terá como finalidade aplicar os conceitos do capítulo anterior, no caso dos torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado, e assim explicar para o leitor as influências e os motivos que levaram os hooligans do clube a agirem de maneira tão peculiar.

## 2. A FORMAÇÃO DA IUGOSLÁVIA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Figura 01 – O mapa atual da região dos Balcãs



(Fonte: Livro *Behind the Curtain: Travels in Eastern European Football*” de Jonathan Wilson)

### 2.1. Os mitos nacionais

*Quando ouvimos pela primeira vez pessoas falando de mitos políticos, eles nos pareceram tão inexperientes, tão cômicos e tão malucos e sem sentido que achamos difícil os levar a sério. Agora nós sabemos que isso foi um grave erro. Não podemos errar novamente. Por essa razão, é necessário realizar uma pesquisa meticulosa sobre a origem, estrutura e técnicas dos mitos políticos (KASIRER, 1946, APUD COLOVIC, 2002, p.3)<sup>7</sup>.*

---

<sup>7</sup> “When we first heard people talk of political myths, they seemed to us so raw, so comical, so crazy and senseless that we found it hard to take them seriously. Now we know that this was a grave mistake. We must not make it a second time. For this reason it is necessary to undertake painstaking research into the origin, structure and technique of political myths (KRAISER, 1946, APUD COLOVIC, 2002, p.3)”.

A região dos Bálcãs<sup>8</sup> possui um longo histórico de domínio estrangeiro, primeiro com o Império Otomano (século XIV) e logo em seguida com o Império Áustro-Húngaro (século XX). Apesar dessas invasões, as identidades nacionais de cada nação dessa região, datam de seus respectivos passados medievais. Elas sobreviveram ao logo dessas interrupções de soberania, através da consciência de seus líderes que eram repassadas para sua população (BANAC, 1988, p.23).

Figura 02 – Mapa da região dos Bálcãs em 1815



(Fonte: Centro de Estudos Europeus da Universidade da Califórnia)

Nesse sentido, com o objetivo de criar uma mobilização popular em prol da unidade nacional e concretizar essa consciência de seu passado medieval, foram criados mitos<sup>9</sup>, que acabaram servindo também como justificativa de dominação para as aristocracias da região, que viram nesse discurso uma forma de reestabelecer o direito histórico de governar suas respectivas populações:

<sup>8</sup> A definição da região pelo Dicionário de Oxford é: “os países que ocupam parte do sudeste da Europa (...) e formam a península banhadas pelos mares adriáticos e Jônico no Oeste; pelo Mar Negro e Argean no Leste e pelo Mar Mediterrâneo ao Sul” / “the countries occupying the part of southeastern Europe (...) and forms a peninsula bounded by the Adriatic and Ionian seas in the West, the Aegean and Black seas in the east, and the Mediterranean Sea in the south”.

<sup>9</sup> De acordo com o Dicionário de Oxford um mito é: “uma história tradicional, especialmente uma relacionada ao passado de um povo ou explicação sobre um fenômeno natural ou social envolvendo eventos ou seres sobrenaturais” / “a traditional story, especially one concerning the early history of a people or explaining some natural or social phenomenon, and typically involving supernatural being or events”.

*Os mitos dos países da Europa Oriental originaram-se como uma justificativa de dominação das aristocracias da Europa Oriental através de uma alegação de direitos históricos. O direito de governar suas populações (...) era justificado em termos de experiências históricas de reinado e administração. A longa história dos reinados (...) dava aos lordes tanto as habilidades necessárias quanto o direito de governar os outros (...) No processo, esses intelectuais vieram a interpretar a história de suas nações emergentes como uma missão para recuperar a liberdade e independência que essas nações tinham no passado (PAVKOVIC, 2000, p.5 e 6)<sup>10</sup>.*

Dentre os mitos nacionais que foram surgindo no final do século XIX e no começo do século XX, o mito da Grande Croácia e o da Grande Sérvia é o que dar-se-á destaque neste trabalho, pois são eles que vão influenciar o surgimento de movimentos nacionais dentro da Iugoslávia Comunista já que, desde o seu surgimento, vão reivindicar os mesmos territórios.

Para o melhor entendimento do leitor sobre o estudo de caso, que tem o Estrela Vermelha de Belgrado, um time sérvio, como foco, será abordado, de forma mais detalhada, o Mito da Grande Sérvia que é base para o fervoroso nacionalismo dessa nação, fator principal que incitou os torcedores do clube a participarem do conflito do Balcãs na década de 90.

### **2.1.1. O mito da Grande Croácia**

O mito da Grande Croácia surge no século X e é baseado nos reinos medievais de Tomislav (século X) e Kresimir (século XI). Em 1097, no reinado de Kresimir, a Croácia perdeu sua independência para o Reino dos Húngaros. Essa dominação Húngara durou de até o século XVI quando foi substituída pelo Império Habsburgo (PAVKOVIC, 2000, p.7).

De acordo com o Mito, os territórios da Grande Croácia iriam do Norte do Rio Danúbio até a Grécia, dentro dessa fronteira seu povo se encontrava num eterno estado de luta para proteger e readquirir sua soberania de seus invasores estrangeiros. O Mito

---

<sup>10</sup> “East European national myths often originated as a response to attempts to justify the domination of the aristocracies in East European lands by an appeal to the latter’s alleged historical rights. The right of the ruling aristocracies to lord over their populations (...) was justified in terms of their alleged historic experience of rule and administration. The long history of their rule (...) gave the lords both the necessary skill and the right to rule over others (...) In the process, these intellectuals came to interpret the history of their emerging nations as a mission of recovery of the freedom and Independence which these nations possessed in the past (PAVKOVIC, 2000, p.5 e 6).”

territorial acabou por se tornar o ponto principal das ideologias nacionais croatas, que tiveram, no século XIX, os sérvios como principal inimigo (PAVCOVIC, 2000, p.9)

*Essa luta eterna, de acordo com o mito, continuou durante o Estado iugoslavo, no qual os Sérvios, como os Habsburgos e Húngaros antes deles, negaram aos Croatas sua identidade nacional distinta como também soberania e política independente. O objetivo principal dessa luta mitológica é, claramente, a soberania e independência do Estado da Croácia, o mesmo Estado que foi criado em 1991 pela separação da Croácia da Federação da Iugoslávia. A Croácia de hoje, como muitos outros países do Leste Europeu, é uma criação de um velho mito histórico (PAVCOVIC, 2000, p. 7 e 8)<sup>11</sup>.*

Podemos notar, então, o grande anseio dos croatas em possuir sua autonomia, que só é conquistada, pela primeira vez desde que se instituiu o Estado Moderno em 1648, em 1991. Nesse sentido, quando se dá a formação do Reino dos Sérvio, Croatas e Eslovenos, em 1918, e logo em seguida da Iugoslávia, em 1945, os sérvios passam a ser, para esse Mito da Grande Croácia, o grande inimigo a ser combatido.

### **2.1.2. O mito da Grande Sérvia**

O Mito da Grande Sérvia tem início no século XII, com o Reino de Nemanjici, que ocupava os territórios da atual Sérvia, Herzegovina e Macedônia, e trata-se, em sua essência, da luta dos sérvios para expulsarem o domínio Bizantino de seu território. Em 1346, sob a liderança de Dusan, a Sérvia alcançou o seu auge, expandindo seu território para a atual Grécia, Bulgária e Albânia (PAVCOVIC, 2000, p.8)

*Desse mito de um grande império, mesmo com pouco tempo de existência, surgiu o mito da missão histórica do sérvios para recuperar a glória adquirida com Dusan e Nemanjici, através da luta de libertação contra o domínio estrangeiro. Logo após a morte de Dusan, seu império se desintegrou em pequenos principados que foram conquistados pelo Império Otomano, A Batalha de Kosovo, em 1389, contra os Otomanos, se tornou o foco de outro mito histórico (PAVCOVIC, 2000, p.8)<sup>12</sup>.*

---

<sup>11</sup> “This protracted struggle, according to this myth, continued in the Yugoslav state in which the Serbs, like the Habsburgs and Hungarians before them, denied the Croats their distinct national identity as well as sovereignty and political Independence. The ultimate goal of this mythical struggle is clearly a sovereign and independent Croatian state, the very state which was created in 1991 by Croatia’s disassociation from the Yugoslav federation. The present day Croatia, like many other East European states, is partly a creation of an old historical myth (PAVCOVIC, 2000, p. 7 e 8)”.

<sup>12</sup> “From this tale from a short-lived empire arose the myth of the historic mission of the Serbs to recover the glory of Dusan’s and the Nemanjici state by freeing themselves from foreign rule. Soon after Dusan’s death, his empire disintegrated into smaller principalities which were in turn conquered by the armies of

Nesse sentido, a Batalha de Kosovo, de 1389, tornou-se extremamente simbólica, pois, na luta contra os invasores Otomanos, em nome da tão idealizada independência, muitos sérvios se sacrificaram, inclusive nobres. Podemos notar a importância desse momento na memória dos sérvios, na produção de inúmeros autores, dentre os quais se destaca os trechos trazidos abaixo:

*Quem quer que seja sérvio ou tenha sangue sérvio,  
E não tenha lutado no Kosovo  
Que nunca tenha filhos  
Seu coração não deseja nem filho nem filha;  
Sob suas mãos não deixe nada decente florescer  
Nem uvas roxas, nem trigo;  
Deixe apodrecer como ferro;  
Até que seu nome seja extinto.*  
(poema MUSIC STEVAN APUD PAVCOVIC, 2000, p.8)<sup>13</sup>.

*Eles preservam as bases da renovação nacional, o que implica sacrifício e morte, e as raízes pelas quais a nação está ligada ao solo ancestral. Túmulos, portanto, são as fronteiras naturais da Sérvia. (...) Essa determinação em defender sua identidade nacional numa luta sem misericórdia contra os tiranos desse mundo, foi confirmada pelos sérvios na Batalha de Kosovo, por isso é conhecida como sacrifício de Kosovo. (...) Nessa luta, eles não temeram a morte, pois sem a morte não existe ressurreição nacional (COLOVIC, 2002, p.8)<sup>14</sup>.*

*(...)A batalha de Kosovo de 1389 contra os Turcos-Otomanos em Kosovo, ainda exerce uma influência poderosa nos sérvios, que a encaram como o momento principal de inflexão, no qual vão de um Estado próspero, medieval e soberano, para uma comunidade sem Estado sob o domínio do Império Otomano, condição que durou até o século XIX. Mesmo depois que a sérvia se tornou independente, em 1878, e fez parte da União Iugoslava, em 1918, a memória da batalha de 1389 permanece viva para os sérvios (ANZULOVIC, 1999, p.1)<sup>15</sup>.*

---

*the Islamic Ottoman empire. The battle on the field of Kosovo in 1389 against the Ottomans became focus on another historical myth (PAVCOVIC, 2000, p.8)”.*

<sup>13</sup> “Whoever is a Serb and of Serb blood, and he comes not to fight at Kosovo, May he never have any progeny, his heart desires, neither son or daughter, beneath his hand let nothing decente grown, neither purple grapes nor wholesome wheat, let him rust away like dripping iron, until his name shall be extinguishes (poema MUSIC STEVAN APUD PAVCOVIC, 2000, p.8)”.

<sup>14</sup> “They preserve the germs of national renewal, which implies initial sacrifice and death, and the roots through which the nation is connected to the ancestral soil. Graves are therefore the natural frontiers of Serbia. (...) This determination to defend their national identity in a merciless struggle with the tyrants of the world, was most clearly confirmed by the Serbs in the Battle of Kosovo, and this is Why it is known as the Kosovo pledge. (...) In that struggle they do not fear death, for without death there is no national resurrection (COLOVIC, 2002, p.8)”.

<sup>15</sup> “(...) The 1389 battle of with the Ottoman Turks on the fields of Kosovo still exerts a powerful influence on the serbs, who see it as the pivotal momento f their plunge from a prosperous sovereign medieval Balkan State to a Stateless community within the Ottoman Empire, a condition that lasted until the

É importante notar que o Mito da Grande Sérvia, assim como o Mito da Grande Croácia, baseia-se muito mais em fatores étnicos e menos em marcos e determinações geográficas. Nessa fábula, a nação acabou por crescer em um determinado território, porém a sua extensão e localização se dá por Deus e não depende de nenhuma configuração terrena (COLOVIC, 2002, p.31).

Podemos notar, desse modo, a forte ligação que os sérvios possuem com o seu passado e com suas fronteiras étnicas, tendo no território a confirmação dessa ocupação ideológica. O simbolismo territorial também pode ser observado no Mito da Grande Croácia, fato que acabou por aflorar a disputa entre as duas nações, principalmente depois que a Sérvia consegue sua independência do Império Turco Otomano em 1844.

*A Ideologia sobre os Direitos do Estado croata reivindicavam, baseando-se em direitos históricos e na continuidade do Estado medieval croata, toda a Croácia, Eslavônia, Dalmácia e Bósnia-Herzegovina como território croata que deveriam formar a futura Croácia independente. As ideologias de libertação nacional dos sérvios proclamaram o direito dos sérvios dessas regiões de viverem independentes de domínio estrangeiro e se unificarem a Sérvia (PAVCOVIC, 2000, p.11)<sup>16</sup>.*

Ressalta-se, então, a importância desses impasses dentro dos próprios mitos nacionais, pois, como já foi abordado anteriormente, eles são as bases principais para a formação do nacionalismo e da identidade de cada uma dessas nações. Sendo assim, esse conflito de interesses, acaba por se tornar tão enraizado, que culmina em vários conflitos étnicos que serão abordados ao longo do capítulo.

## **2.2. O Reino Dos Sérvios, Croatas e Eslovenos.**

### **2.2.1. O surgimento e evolução da ideia iugoslava**

As origens da ideia de uma união entre os países da região dos Balcãs data de 1815, com Ljudevit Gaj, político croata, que entendia “(...) todos os Eslavos do Sul como um único grupo étnico-linguístico, que tem que viver sob um Estado Nacional da Grande

---

*nineteenth century. Even after Serbia became sovereign in 1878 and formed the core of the Yugoslav Union in 1818, the memory of the 1389 battle remained vivid to the Serbs (ANZULOVIC, 1999, p.1).*

<sup>16</sup> *“The ideology of Croat State rights claimed, on the basis of the historic rights and the continuity of the Croat medieval state, the whole of Croatia, Slavonia, Dalmatia and Bosnia-Herzegovina as Croat lands which were to form the future independent Croatia. The Serb national liberation ideologies proclaimed right of the Serbs living in the very same regions to be freed from foreign rule and unified with Serbs in Serbia (PAVCOVIC, 2000, p.11)”.*

Illyria<sup>17</sup>(...)” (STROVIC, 2007, p.12)<sup>18</sup>. O autor PAVCOVIC, acaba por reconhecer os esforços de Gaj para transformar essa ideia Iugoslava em realidade, destacando que o político escolheu um dialeto falado tanto por croatas, como por sérvios, além de criar um padrão ortográfico (PAVCOVIC, 2000, p.11)

Porém, ao contrário de PAVKOVIC que considerou a ação de Gaj bem intencionada, SOTIROVIC vai falar que para os sérvios e eslovenos, esse projeto de união, era uma ideologia expansionista para formar uma Grande Croácia. Porém SOTOROVIC, também reconhece a reforma literária de Ljudevic Gaj como importante para a padronização da linguagem literária para a Sérvia e Croácia (SOTIROVIC, 2007, p.12 e 13).

PAVKOVIC traz outros atores importantes para a tentativa de unificação dos países da região dos Bálcãs, o Bispo Josip Strossmayer e o Cânone Franjo Racki, pois, como ressalta PAVKOVIC, foram co-fundadores do Partido Nacional de Zagreb (1860), criaram a Academia Iugoslava de Artes e Ciência de Zagreb (1866) e fundaram a Universidade de Zagreb (1874) (PAVKOVIC, 2000, p. 12).

A ideologia de união nacional foi se desenvolvendo ao longo dos anos e no final do século XIX e início do século XX, SOTIROVIC, destaca que ela adquiriu, no imaginário de sua população o que seriam estágios de desenvolvimento diferentes, mas que em sua maioria era:

*(...) primeiramente entendida como uma cooperação cultural, política e nacional, reciprocidade, solidariedade e finalmente união política entre Sérvia e Croácia que culminaria em qualquer tipo de Estado eslavo do Sul (com os búlgaros ou não). Finalmente, a ideia foi imaginada para realizar-se em duas fases: 1) somente a unificação iugoslava (os sérvios, eslovenos e croatas) e 2) a união pan-eslava do Sul (a Iugoslávia e a Bulgária)* (SOTIROVIC,2007, p. 21)<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> “(...)Termo usado anteriormente (...) pela administração de Napoleão das províncias eslavas do sul do Império Habsburgo” / “(...) used earlier by (...) Napoleonic administration of South Slav-populated Habsburg provinces (PAVCOVIC, 2000, p.11).

<sup>18</sup> “(...) all South Slavs as a single ethnolinguistic group, who has to live in United national state of Greater Illyria (...)”.

<sup>19</sup> “Primarily understood the Serbo-Croatian cultural, national and political cooperation, reciprocity, solidarity and finally (political) unification as a backbone of any kind of the South Slavic state (with the Bulgarians or not). Finally, the idea was imagined to be realised in two phases: 1) only the Yugoslav unification (the Serbs, Slovenes and Croats) e 2) the Pan-South Slavic unification (the Yugoslavs and Bulgarians)” (SOTIROVIC, 2007, p. 21).

Mesmo com maior aceitação das ideologias de unificação, faz-se importante ressaltar o peso político que tinha a liderança dessa união. Devido a isso, existiam enormes diferenças entre políticos sérvios e croatas sobre quem seria o principal líder durante o processo.

Esses conflitos de interesse organizacional se relacionam com os mitos nacionais de luta por soberania e autonomia de cada um desses países, já que desde as suas criações eram conflituosos entre si e acabavam por transbordar, essas diferenças, para qualquer discussão quem envolvessem as duas nações.

### **2.2.2. A Primeira Guerra Mundial e a criação do Reino**

O estopim da I Guerra Mundial, o assassinato do Arquiduque austríaco Franz Ferdinand, na Bósnia, em 1914, teve total vínculo com o que acontecia na região dos Balcãs naquele momento. Devido ao fato de alguns países da região ainda continuarem sob o domínio do Império Austro-Húngaro, as ideias de união nacional e os mitos de libertação estavam influenciando ações violentas e terroristas. Uma dessas ações foi o assassinato do Arquiduque, um ataque simbólico, já que a vítima era a herdeira do trono do Império.

*Os assassinos do Arquiduque e seus camaradas eram membros da organização jovem revolucionária “Jovem Bósnia” que estava comprometida com a libertação da Bósnia-Herzegovina do domínio Austro-húngaro e com a união com a Sérvia e outros territórios eslavos do Sul. A ideologia de união nacional dos eslavos do Sul ofereceu, para os assassinos e seus parceiros, a visão de libertação nacional e unificação através da luta armada e terrorismo, enquanto que a organização secreta sérvia “Unidade ou Morte” (a Mão Negra) enviava armamento (PAVKOVIC, 2000, p. 20)<sup>20</sup>.*

---

<sup>20</sup> “The Archdukes’s assassin and his comrades were members of the revolutionary youth organisation “Yong Bosnia” which was committed to the liberation of Bosnia-Herzegovina from Austro-Hungarian rule and its union with Serbia and other South Slavs lands. The ideology of national unity os South Slavs provided the underage assassin and his comrades with a visiono f national liberation and unification of their peoples through armed struggle and terrorism while the Serbian secret organization “Unity or Death (the Black Hand) provided them with arms (PAVKOVIC, 2000, p. 20).

Figura 03 – Mapa da região dos Balcãs em 1913



(Fonte: Centro de Estudos Europeus da Universidade da Califórnia)

De acordo com SOTIROVIC, a Alemanha tinha o objetivo de criar a Europa Central, uma unidade econômica controlada pelo país germânico em que, além de outros Estados, deveriam fazer parte dessa união, todos os territórios eslavos do Sul. Nesse sentido, houve um receio generalizado entre os países da região dos Balcãs, pois para uns, significava, novamente, estar sob domínio estrangeiro, e para outros, como a Croácia, uma nova luta, já que ainda lutava pela sua libertação do domínio Austro-húngaro (fato que acontece, somente, em 1918) (SOTIROVIC, 2007, p. 22 E 23).

O início do processo para a unificação e formação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, aconteceu em 7 de Dezembro de 1914, com a declaração sérvia de que seu principal objetivo de guerra seria a unificação dos países eslavos do Sul. Para SOTIROVIC, esse esforço de unificação teve três atores importantes: O Comitê da

Iugoslávia<sup>21</sup>, O Conselho Nacional dos Eslovenos, Croatas e Sérvios<sup>22</sup> e o Governo Real da Sérvia (SOTOROVIC, 2007, p. 105).

*(...) um triângulo político entre o Governo Real da Sérvia, particularmente o seu Primeiro Ministro Nikola Pasic, o Comitê da Iugoslávia, com seu líder croata da Dalmatia, Dr. Ante Trumbic, e o Conselho Nacional e seu Presidente, o político esloveno, Dr. Anton Korosec, são cruciais para entender o processo de criação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (SOTOROVIC, 2007, p.6)<sup>23</sup>.*

Apesar de terem sido os fomentadores da criação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos em 1918, esses três atores, principalmente o Comitê da Iugoslávia e o Governo Real da Sérvia viviam em divergência sobre inúmeros aspectos, desde o nome que deveria ter essa nova união, até a forma como ela deveria se organizar internamente, pois o primeiro defendia uma formação federativa com maior grau autônomo, enquanto que o segundo era a favor de uma união mais centrada e unida sob uma monarquia, pois só assim, traria estabilidade (SOTOROVIC, 2007, p.107).

Após meses de negociação, a fim de resolverem suas diferenças e chegar a uma definição sobre a criação dessa nova união, em 1917, o Comitê da Iugoslávia e o Governo Real da Sérvia publicaram a declaração de Corfu, e logo em seguida em 1918 a Declaração de Genebra. Ambas continuam as diretrizes que guiariam o futuro da organização na qual estaria inserida toda a população eslava do Sul.

*A Declaração de Corfu estabeleceu que o futuro Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos seria uma monarquia constitucional, democrática e parlamentar liderada pela dinastia sérvia Karadordevic, onde os dois alfabetos, os três nomes (Sérvia, Croácia e Eslovênia) e as três principais religiões (Ocidental Ortodoxa, Católica Romana e Muçulmana) seriam iguais. Sua constituição deveria ser aprovada por uma maioria qualificada de uma Assembleia Constitucional que será*

---

<sup>21</sup> Foi fundado em 1915, em Londres, com a função de proteger os interesses da população eslava do sul, em resposta ao Tratado de Londres, assinado no mesmo ano entre a Entente e a Itália, no qual a região da Dalmácia, caso a aliança saísse vencedora do conflito, passaria a ser de domínio da Itália (SOTOROVIC, 2007, p.6).

<sup>22</sup> Criado em 1918, em Zagreb, para defender a autonomia e independência do Estado da Eslovênia, Croácia e Sérvia do Império Austro-húngaro, além de declarar o seu estado não-beligerante (PAVCOVIC, 2000, p.21).

<sup>23</sup> “(...) a political triangle between the Royal Government, particularly its Prime Minister Nikola Pasic, the Yugoslav Committee. With its leader, Croation politician from Dalmatia, Dr. Ante Trumbic, and the National Council with its Presidente, a leading Slovenian politician, Dr. Anton Korosec, are crucial for understanding of the processo f making the Kingdom of Serbs, Croats and Slovenes” (SOTOROVIC, 2007, p.6).

*eleita por voto universal, direto, igual e secreto. O princípio da autodeterminação das três populações garantiria a indivisibilidade do território. (...) A nova Declaração (de Genebra) de 1918 (...) previa um arranjo de confederação, com jurisdição separada para o Governo Real da Sérvia e o Conselho Nacional em Zagreb (...)* (PAVCOVIC, 2000, p. 21)<sup>24</sup>.

A Proclamação oficial da criação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, acontece em 23 de Novembro de 1918, em Belgrado, impulsionada pelo enfraquecimento do Império Austro-húngaro e pelo Presidente estadunidense Woodrow Wilson e sua defesa da autodeterminação dos povos (SOTOROVIC, 2007, p.113).

Apesar de, aparentemente, os três atores da formação da união, terem resolvidos seus impasses, vale ressaltar, novamente, a importância da própria identidade nacional de cada um desses países: “Antes mesmo de sua criação e durante a sua existência, essa ideologia nacional (Iugoslávia), estava em competição com as ideologias nacionais das nações eslavas do Sul” (PAVCOVIC, p.5)<sup>25</sup>.

Nesse sentido, apesar das negociações, as demandas de cada um dos organismos fundadores do Reino, incitados pelo aspecto de identidade nacional de cada país, acabaram criando grandes discussões sobre organização administrativa, e junto com a explosão da II Guerra Mundial o Reino dos Sérvios Croatas e Eslovenos, foi dissolvido em 1941 (PAVKOVIC, 2000, p. 33 e 37).

Além das divergências institucionais destacadas acima por PAVKOVIC, o CEE contextualiza os aspectos que também acabaram indo de encontro a essa nova nação, como a Grande Guerra que teve consequências devastadoras tanto para a população quanto para o próprio território e a depressão econômica que tomava conta de toda a Europa no período pós-I Guerra. Esses fatores, como ressalta o CEE, conjuntamente com a tentativa de maior controle por parte do Rei Alexander (assassinado em 1934), trouxeram grande instabilidade e o aumento na violência na região.

---

<sup>24</sup> “*The Corfu Declaration stated that the future Kingdom of Serbs Croats and Slovenes would be a constitutional, democratic and parliamentary monarchy headed by the Serbian Karadordevic dynasty in which the two alphabets, three names (Serbia, Croatia and Slovene), and the three major religions (Eastern Orthodox, Roman Catholic and Muslim) would be equal. Its constitution should be passed by a numerically qualified majority in the future constituent assembly which is to be elected by universal and equal, direct and secret suffrage. The principle of free self-determination of the three-named people (...) guaranteed the territorial indivisibility of the country. (...) The new declaration signed in 1918 (...) envisaged a confederal arrangement, with separate jurisdiction for the Serbian government and the National Council in Zagreb*” (...) (PAVCOVIC, 2000, p. 21).

<sup>25</sup> “*Before its creation and for the duration of its existence this national ideology, was competing with national ideologies of separate South Slav nations (...)*” (PAVCOVIC, 2000, p. 5).

### 2.3.A Segunda Guerra Mundial e a Iugoslávia Comunista

Com a explosão da II Guerra Mundial, em 1939, a região, que já se encontrava instável, entrou num completo caos, pois além de ser pressionada, externamente, pelas grandes nações como Alemanha e Itália, no âmbito interno vivia uma guerra civil complexa. “Alguns lutavam contra a invasão alemã (...), outros se aliaram a eles; uns lutavam para trazer de volta o Rei que fugiu (para Londres); e outros lutavam pelo estabelecimento de um novo governo; vilas se voltaram contra vilas e vizinhos contra vizinhos” (UNC, 2004, p. 3)<sup>26</sup>.

PAVKOVIC vincula essas lutas internas do início de 1942 a três grupos: os *Partisans*, um grupo de resistência que lutava em prol de um ideal Comunista do qual faziam parte pessoas de todas as nações; os *Chetniks*, também um grupo de resistência, mas que lutava em prol da dominação sérvia; e, por fim, os *Ustasha*, uma organização pró-fascista, formada, exclusivamente por croatas, que eram treinados, armados e financiados pelo exército alemão (PAVKOVIC, 2000, p.36 e 37).

Mais uma vez nota-se a presença de ideologias nacionais influenciando o conflito. De acordo com PAVKOVIC, os *Ustasha* acreditavam que a Iugoslávia era um instrumento de dominação sérvia para negar a liberdade à Croácia (Mito da Grande Croácia), os *Chetniks* tinham o objetivo de defender a tradição de luta sérvia contra domínio estrangeiro (Mito da Grande Sérvia), e os *Partisans* compunham o movimento em defesa da união iugoslava, independente de nacionalidade, comprometida em libertar a região de domínio estrangeiro (Ideia iugoslava) (PAVKOVIC, 2000, p. 37, 38 e 39).

Em 1943, os Britânicos acabaram por abraçar a causa dos *Partisans*, pois enxergavam neles um meio de libertação não só da Sérvia, mas de toda a região dos Balcãs de domínio alemão. “(...) o governo britânico decidiu fornecer armas e materiais de guerra para os Partisans (...) a favor de um movimento comunista (...)” (PAVKOVIC, 2000, p.40 e 41)<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> “Some fought against the Germans (...), others allied with them; some fought to bring back the new king who had fled; other fought to set up a new government; village turned on village and neighbor attacked neighbor” (CEE, 2007, p. 3).

<sup>27</sup> (...) the Britosh government decided to supply the Partisans with arms and war material (...) in favor of a communist-led movement (...)” (PAVKOVIC, 2000, p. 40 e 41).

Com esse apoio britânico, os *Partisans*, liderado por Josip Broz Tito, acabou prevalecendo internamente sobre os outros grupos que lutavam pelo domínio da região (CEE, 2007, p. 3). Vitória essa, confirmadas pelas eleições de 1945, em que os comunistas venceram com 90% do votos (PAVKOVIC, 2000, p.42).

O governo comunista fundado por Tito era uma federação formada por seis repúblicas: Sérvia, Croácia, Eslovênia, Montenegro, Macedônia e Bósnia-Herzegovina. Devido à catastrófica guerra civil que a região viveu, havia um grande receio de instabilidade e vingança por parte dos massacrados, principalmente os sérvios (os *Ustasha* praticaram uma política de limpeza étnica). Nesse sentido o partido comunista surge como um meio de trazer estabilidade.

*O regime comunista foi capaz de amenizar esses medos durante e após a guerra, através da permissão de que croatas e sérvios-bósnios para ter controle de seus respectivos governos locais como também voz influente dentro do partido Comunista (...). Essa é a razão pela qual o Partido Comunista (...), foi reconhecido por muitos Sérvios da Croácia e da Bósnia-Herzegovina, como o principal garantidos da segurança na região (PAVKOVIC, 2000, p. 43)<sup>28</sup>.*

Porém, para o Centro de Estudos Europeus (CEE), Tito e o Partido Comunista mantinham a estabilidade e a união nacional através de um estrito controle político sob as repúblicas, caracterizado pela repressão e intimidação. Em 1974, a Constituição de 1946, foi alterada para que Tito fosse considerado Presidente até a sua morte (CEE, 2007, p. 3). Com o aumento dessa repressão, na década de 80, há um ressurgimento das ideologias nacionais.

O retorno da identidade sérvia ao cenário político da Iugoslávia trouxe de volta, também, as animosidades anteriores. Esse acontecimento se dá pelo fato de que Tito, quando assume o poder, acaba por focar na organização do Estado e não em julgar os massacres sofridos pelos sérvios, praticados pelos *Ustashes*. Nesse sentido, a sérvia reivindicava um reconhecimento da culpa pelos Croatas, porém a ideologia nacional acreditava que esse tipo de acontecimento é um fenômeno normal de guerra (PAVKOVIC, 2000, p. 44 E 45).

---

<sup>28</sup> “The communist regime was able to assuage these fears during and after the war, by enabling the Croatian and Bosnian Serbs to achieve full control of their local government and to have an influential voice in the Communist party (...). This is why the Communist party, (...), had been regarded by many Serbs from Croatia and Bosnia-Herzegovina as the principal guarantor of their security in the region” (PAVKOVIC, 2000, p. 43).

A morte de Tito em 1980 acabou por tornar a situação bem mais instável. Como o Marechal era uma figura centralizadora, ao morrer, a população iugoslava, já insatisfeita com o Estado comunista, começa a questionar tanto o status das províncias autônomas (Kosovo e Vojvodina), como da legitimidade de toda organização federativa (VUJACIC, 1995. P. 4).

#### **2.4. Milosevic e as guerras ideológicas da década de 1990**

Foi no contexto de ressurgimento de ideologias nacionais conjuntamente com o enfraquecimento da Iugoslávia, devido à morte de Tito, na década de 80, que Milosevic<sup>29</sup> apareceu no cenário político dos Bálcãs. Durante uma viagem a Kosovo, em 1987, Milosevic fez seu primeiro discurso em prol do nacionalismo sérvio (SILBER E LITTLE, 1996, p. 37 e 38).

*Vocês deveriam permanecer aqui. Essa é a terra de vocês. Essas são suas casas. (...) Suas memórias. Vocês não devem abandonar sua terra só porque esta difícil viver, porque vocês estão pressionados pelas injustiças e degradações. Nunca fez parte do caráter da Sérvia e Montenegro desistir na presença de obstáculos, de desmobilizar quando é hora de lutar (...). Vocês devem ficar aqui em respeito aos seus ancestrais e descendentes. Caso contrário, seus ancestrais e descendentes vão ficar desapontados. Mas eu não estou sugerindo que vocês fiquem, suportem e tolerem uma situação que vocês não estão satisfeitos. Pelo contrário, vocês devem mudar com as outras pessoas aqui, na Sérvia e na Iugoslávia (discurso de MILOSEVIC, 1987, APUD SILBER E LITTLER, 1996, p.38)<sup>30</sup>.*

Nem anteriormente, nem depois da Segunda Guerra Mundial, nenhum político comunista na Iugoslávia tinha defendido tão abertamente ideologia nacional da Sérvia. Depois de seu discurso ter feito grande sucesso, Milosevic se aproveitou do momento e, durante 1988, espalhou seu discurso de restauração do orgulho nacional como patrimônio de cada cidadão sérvio (PAVKOVIC, 2000, p.104).

---

<sup>29</sup> Milosevic nasceu em 1941, em Pozarevac, Sérvia. Iniciou sua carreira política em 1984, devido a sua amizade com o então Presidente da Sérvia, Ivan Stambolic (VUJACIC, 1995, p. 8).

<sup>30</sup> “*You should stay here. This is your land. These are your houses. (...) Your memories. You shouldn't abandon your land just because it's difficult to live, because you are pressured by injustice and degradation. It was never part of the Serbian and Montenegrin character to give up in the face of obstacles, to demobilize when it's time to fight (...). You should stay here for the sake of your ancestors and descendants. Otherwise your ancestors would be defiled and descendants disappointed. But I don't suggest that you stay, endure, and tolerate a situation you're not satisfied with. On the contrary, you should change it with the rest of the progressive people here, in Serbia and in Yugoslavia* (discurso de MILOSEVIC, 1987, apud SILBER E LITTLE, 1996, p. 38).

Com essa aclamação à ideologia nacional sérvia, Milosevic foi ganhando a simpatia e o apoio em toda a Iugoslávia, pois agradava não só os defensores do nacionalismo sérvio, como também outros setores. Milosevic conseguia combinar a defesa a “Iugoslávia, unidade e Titoísmo, para o Partido Ortodoxo e oficiais do exército, Sérvia para os nacionalistas, (...) proteção para os sérvios de Kosovo e justiça social para os trabalhadores” (VUJACIC, 1995, p.12)<sup>31</sup>.

Apesar desse sucesso, Milosevic, ao usar o nacionalismo sérvio como forma de ascender ao poder, acabou por engatilhar outras ideologias nacionais criando um ambiente completamente competitivo e violento, novamente, na região dos Bálcãs.

*(...) uma vez que a chama do nacionalismo étnico se acende, especialmente quando combinada com o dilema de segurança, pode se espalhar incontrolavelmente e gerar grandes prejuízos. Então o governo de Milosevic pode ser visto como um típico totalitarismo confrontado pelo colapso da base de seu apoio, que respondeu a esse colapso com a chama do nacionalismo étnico. Limpeza étnica e guerra não são visto como estratégias planejadas de repressão brutal e também não um resultado de um erro, mas o resultado de um processo em que o líder de um regime estava reagindo a eventos que ele mesmo iniciou, mas não controlou (WINDROBE, 2002, p.2)<sup>32</sup>.*

Nota-se nessa afirmação de WINDROBE, com a eleição de Franjo Tudjman, em 1990, na Croácia, conhecido por ser um nacionalista extremo. Inicialmente, Milosevic entende esse acontecimento como uma coisa boa, pois devido ao discurso nacionalista de Tudjman, acabou por receber o maior apoio político dos sérvios receosos de um novo massacre croata (VUJACIC, 1995, p.16).

Para WINDROBE, como apontado a cima, essa aprovação numerosa à Milosevic pós-eleição croata, se dá devido ao dilema de segurança criado na região. Ao incitar o nacionalismo sérvio, Milosevic acaba por criar um receio na população croata de que houvesse vingança ao massacre dos *Ustasha*. Nesse sentido, os croatas elegem um

---

<sup>31</sup> “Yugoslavia, unity and Titoisma for the orthodox and army officers, Serbia for the nationalist, oritections for the Kosovo Serbs, social justice for the workers (...) (VUJACIC, 1995, p. 12).

<sup>32</sup> “(...) once the fire of ethnic nationalism has been lit, especially when combined with the security dilemma, it can spread uncontrollably and do great damage. So Milosevic’s rule can be viewed as that of a typical totalitarian dictator confronted with the collapse of the basis of his supprt, who responded to this collapse by playing with the fire of ethnic nationalism. Ethnic cleasing and war are seen in this light as neither deliberated, coldly planned strategies of brutal repression, nor the resulto f complete miss calculation, but the outcome of a process in which the leadership of the regime was reacting to events which it may have set in motion, but did not entirely control (WINDROBE, 2002, p.2).

nacionalista, o que acaba gerando também, um receio de novas práticas de limpeza étnica por parte da Croácia (WINDROBE, 2002, p. 4).

Depois que a Croácia e a Eslovênia declararam-se independentes em 1991, com o objetivo de fazer frente ao crescente apoio que o ditador sérvio, Milosevic começa a sentir que estava perdendo controle da região, e com o discurso de proteção as minorias sérvias<sup>33</sup>, justificou as suas investidas armadas tanto na Croácia (1991) quanto na Bósnia (1992) e logo depois em Kosovo (1998), promovendo uns dos maiores massacres já vivenciadas pelo mundo.

Figura 04 – Mapa das etnias dos Bálcãs em 1989



(Fonte – Centro de Estudos Europeus da Universidade da Califórnia)

Nota-se então, assim como SILBER E LITTLE, que o Estado comunista iugoslavo já não satisfazia os anseios nem da ideologia nacional sérvia, nem a dos outros países que formavam a federação, levando ao fim do mesmo na década de 90, e com isso o término também da ideologia de uma nação igualitária formada por cidadãos eslavos do sul.

*A Iugoslávia, na sua forma, não era mais adequada para resolver a questão sérvia. (...) o país estava se desintegrando e*

<sup>33</sup> De acordo com um estudo publicado pelo Centro para Estudos Europeus da Universidade da Carolina do Norte, em 2004, no de 1989, 12,2% da população croata era de origem sérvia e 2% dos que viviam da Eslovênia também.

*40% de sérvios estavam sendo abandonados além das fronteiras da sua terra natal. (...) os nacionais sérvios acusavam a Eslovênia e a Croácia de conspirarem contra a Sérvia* (SILBER E LITTLE, 1996, p. 32)<sup>34</sup>.

Com grande desaprovação do Sistema Internacional do massacre que acontecia na região dos Bálcãs e interferência tanto da organização das Nações Unidas, quanto da OTAN, Milosevic sai do poder em 2000 e tem seu julgamento iniciado pelo Tribunal Penal Internacional, em Haia, em 2002. Todavia, antes de receber o seu julgamento final, Milosevic é encontrado morto, em 2006, na sua cela no centro de detenção do próprio Tribunal (UNC, 2007, p.10).

## **2.5.Conclusão**

Após os fatos apresentados ao longo do capítulo, pode-se notar a importância dos mitos e ideologias nacionais para explicar a dinâmica da região dos Bálcãs. Muito antes de se instituir o Estado Nacional como nós conhecemos hoje, a região já vivia sob domínio estrangeiro desde o século XIV.

Nesse sentido, o sentimento de liberdade e autonomia acabou, assim, por se tornar enraizado em todos os cidadãos em suas próprias nações, e, com o objetivo de lutar por essa tão sonhada independência, criaram os mitos nacionais, a fim de unir a população em prol desse único objetivo.

Pudemos notar a presença desses mitos em todos os períodos marcantes da história dos Bálcãs, desde a Primeira Guerra Mundial, onde a ideologia nacional sérvia de libertação do domínio do Império Austro-Húngaro, levou ao assassinato do Arquiduque Fraz Ferdinand, momento considerado o estopim para os conflitos armados da Guerra; passando pelo fracasso dos Reinos dos Sérvios Croatas e Eslovenos, fundado em 1918, mas dissolvido em 1941, por divergências sobre sua organização entre os sérvios e os croatas; pela Segunda Guerra Mundial e o massacre sofrido pelos sérvios por um grupo de resistência pró-dominância croata da região, os *Ustashas*, financiados pelo governo alemão; até a formação e fim da Iugoslávia, onde ocorreram uns dos conflitos mais sangrentos do mundo justificados por ideologias nacionais.

---

<sup>34</sup> “*Yugoslavia, in its present form, was no longer an adequate solution to the Serbian question. (...) the country was disintegrating, and that forty percent of Serbs had been left languishing beyond the frontiers of the motherland. (...) accused Slovenia and Croatia of conspiring against Serbia*” (SILBER E LITTLE, 1996, p. 32).

*A violência no futebol ofereceu-lhes uma rara oportunidade de realmente exercerem o controle. Quando esses torcedores aderiram ao racismo e ao nacionalismo radical, foi porque essas ideologias funcionavam como metáforas de suas próprias vidas (FOER, 2005, p. 18 e 19).*

O mito nacional, portanto, é um aspecto extremamente importante para a análise pretendida nesse trabalho, pois é o fervor do nacionalismo sérvio, incitado por Milosevic, que influenciou os torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado a se engajarem nos conflitos da década de 90.

### **3. O FUTEBOL E O NACIONALISMO**

Atualmente, costumamos relacionar a nossa identidade ao país em que nascemos. Para CARVALHO “a condição nacional é a que confere maior legitimidade a vida política do indivíduo, constituindo, portanto, boa parte da base identitária desse” (CARVALHO, 2009, p. 17).

Porém o esporte vem aparecendo dentro da discussão de construção de unidade e de projeção de um sentimento nacional. Neste item será abordado a formação e desenvolvimento da consciência nacional, os hooligans como manifestação extrema dessa identidade com o futebol e por fim a relação complexa entre o futebol e o regime comunista.

#### **3.1. O desenvolvimento da Consciência Nacional**

##### **3.1.1. Os conceitos**

Há uma grande produção significativa no meio acadêmico sobre como surge a consciência nacional de um indivíduo, como se faz a relação entre o cidadão e a sua nação e quais seriam os fatores que ligam cada um dessa nação num mesmo sentimento de pertencimento.

BAUER vai falar que a questão nacional só pode ser entendida através da definição de caráter nacional, a qual define que apesar de todas as populações possuírem características consideradas humanas, elas também são formadas por um conjunto complexo de características físicas e mentais que acabam por separar uma nação da outra, e mais ainda, cada uma dessas nações possuem classes, profissões e indivíduos específicos com características especiais que acabam por distingui-los (BAUER, 2000, p. 46).

Já para LORD ACTON, uma nação só pode ser formada a partir de uma “(...) atração propiciada por uma ideia abstrata, ou por um estado ideal (...) que busca uma cura universal para muitos males especiais (...)” (ACTON, 2000, p. 24).

Para HROCH, a nação advém de um processo longo e complexo de desenvolvimento, e a define como “um grande grupo social, integrado não por uma, mas por uma combinação de vários tipos de relações objetivas (econômicas, políticas, linguísticas,

culturais, religiosas, geográficas e históricas) (...)”, e todos esses aspectos são os formadores da consciência nacional daquela respectiva nação.

Como podemos notar o desenvolvimento de uma consciência nacional, no meio acadêmico, não possui um conceito definido. Portanto tomaremos como principal conceito para o presente trabalho aquela em que traz para o desenvolvimento da consciência nacional o mito de YACK: “O mito de uma nação étnica sugere que você não tem escolha nenhuma na produção de sua própria identidade: você é a sua cultura herdada e nada mais.” (YACK, 1996, p. 198)<sup>35</sup>.

As pessoas que compartilham de um mesmo sentimento nacional, assim, partilham de um mesmo passado que acaba por definir essa identidade. BREUILLY vai falar que o nacionalismo visto de maneira sentimental (mito étnico), vai de encontro a tendência de homogeneização cultural, pois os outros grupos étnicos passam a ser encarados como estrangeiros (BREUILLY, 2000, p. 156).

Pode-se notar, então, a relação dessa afirmação de BREUILLY, juntamente com o conceito de YACK, com os mitos nacionais da Sérvia e da Croácia abordados no capítulo anterior que originam de um passado em comum e que sempre enxergam qualquer cultura que queira ser imposta sobre a sua, como inimiga.

### **3.1.2. O Construtivismo e suas influências**

Como os mitos são o foco da construção da consciência nacional dentro do presente trabalho, o construtivismo torna-se a teoria principal pelo qual ele é guiado, afinal esses discursos mitológicos são nada mais do que construções sociais.

Para ADLER, o Construtivismo é fruto da ação e da interação social que depende das interpretações do mundo material, para isso mostra que as nossas instituições mais duradouras (aí pode-se entender o Estado), são baseadas em entendimentos coletivos de como as coisas são e como devem usar seu poder e suas habilidades materiais (ADLER, 1999, p. 205 e 296).

Para complementar a definição construtivista de ADLER, destaca-se o conceito de seleção cultural de WENDT, onde “a transmissão de determinantes comportamentais de

---

<sup>35</sup> “*The myth of the ethnic nation suggest that you have no choice at all in the making of your national identity: you are your cultural inheritance and nothing else*” (YACK, 1996, p. 198).

indivíduo para indivíduo, e assim de geração para geração, através do aprendizado social, imitação e outros processos similares” (BOYD e RICHERSON, 1980, p. 102 APUD WENDT, 1999, p. 324)<sup>36</sup>.

WENDT destaca ainda a imitação e o aprendizado social como os fatores mais importantes na formação de uma identidade, onde no primeiro há um entendimento de que se deve copiar aqueles ancestrais que tiveram sucesso ou fizeram sacrifícios, criando assim uma sociedade mais homogênea; e no segundo a ideia é que os interesses de uma identidade são formadas a partir do aprendizado em resposta ao tratamento que recebe de outros atores (WENDT, 1999, p. 327).

Como já foi abordado no capítulo anterior, os mitos são criados através de experiências e ações passadas, que são transmitidas com o objetivo de se criar uma união nacional em prol de uma ideologia a fim de honrar o legado de seus ancestrais.

### **3.1.3. As Comunidades Imaginadas de Benedict Anderson**

ANDERSON é de grande relevância para esse trabalho, pois o seu conceito de “comunidades imaginadas” é exatamente aquilo que faz a relação entre os mitos nacionais e a construção da consciência nacional dentro do indivíduo.

*(...) tanto nacionalidade (...) quanto nacionalismo são produtos culturais específicos. Para bem entendê-los, temos que considerar, com cuidado suas origens históricas, de que maneira seus significados se transformam ao longo do tempo, e por que dispõem, nos dias de hoje, de uma legitimidade emocional tão profunda. (...) Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúsculos das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 1991, p.32).*

O autor traz o aspecto de que a condição nacional é produto cultural específico, conjuntamente com o fato da subjetividade desse sentimento nacional, ou seja, o sujeito se entende dentro de uma comunidade, mesmo sem conhecer cada indivíduo, sabe que todos partilham de um mesmo sentimento nacional acima de seus próprios desejos, e, que lutariam um pelos outros se preciso. Esse é exatamente o ponto central desse

---

<sup>36</sup> “the transmission of the determinantes of behavior from individual to individual, and thus from generation to generation, by social learning, imitation or some other similar process (BOYD e RICHERSON, 1980, p. 102 APUD WENDR, 1999, p. 324).

trabalho: a ligação entre o sentimento nacional, o esporte e o conflito (instrumento de exacerbação desse nacionalismo).

*A nação, aqui, é uma unidade ideal, fundamentada na raça, desafiando a ação modificadora das causas externas, da tradição e dos direitos existentes. Ela suplanta os direitos e desejos dos habitantes, absorvendo seus interesses divergentes numa unidade fictícia; sacrifica suas diversas inclinações e deveres à reivindicação mais alta da nacionalidade, subjuga todos os direitos naturais e todas as liberdades estabelecidas a fim de se justificar (ACTON, 2000, p. 35).*

Nesse sentido, a nação surge como um produto de força maior, que tem como o objetivo principal a união de um sentimento nacional e contra as influências externas. Traz pra o interesse nacional, todo o interesse individual divergente que seja produto da interação entre as ações de cada indivíduo, pois são elas que formaram ou formam a consciência nacional e o mito, fatores que justificam a existência do Estado por si só.

### **3.2.O nacionalismo e suas abordagens analíticas**

Existem inúmeras produções literárias que tentam explicar o surgimento e o desenvolvimento do nacionalismo ao longo dos séculos. De acordo com CARVALHO, a principal diferença que existe nessas abordagens é o meio em que se concebe a nação, se ela é ou não um fenômeno moderno (CARVALHO, 2009, p. 31).

Já priorizados os conceitos influenciadores da construção de consciência nacional para este trabalho, abordar-se-á, nesse momento, a análise pós-desenvolvimento da consciência e instalação do sentimento nacional.

Para BREULLY, existem três tipos de abordagens em relação ao nacionalismo: a primordialista, a funcionalista e a narrativa.

#### **3.2.1. A abordagem Primordialista**

A abordagem primordialista enxerga a nação como um fenômeno muito antigo, que remota aos séculos atrás: “Houve períodos prévios em que a nação conheceu a grandeza, e houve heróis e fases áureas anteriores que podem inspirar os membros da nação no presente” (BREUILLY, 2000, p. 158 e 159).

Para o autor essa abordagem destoa da realidade acha-la inútil para compreender o nacionalismo moderno, pois para BREUILLY, as instituições são a única forma de preservar a transmitir as identidades nacionais:

*O que reputo significativo, mesmo nos argumentos próprios de Smith, é que a identidade étnica pré-moderna é não-institucional. É interessante notar que os três elementos da nacionalidade moderna que ele considera ausente das ethnies pré-modernas são a identidade jurídica, a política e a econômica. No entanto, essas são as principais instituições em que a identidade nacional pode ganhar forma (BREUILLY, 2000, p. 160).*

Apesar disso e de não saber em que medida a produção de mitos nacionais podem se agir de forma efetiva na consciência dos indivíduos, BREUILLY reconhece que os políticos nacionalistas e intelectuais acabam por usar de mitos e símbolos passados para traçar um argumento que tem o objetivo de promover a identidade nacional e justificar reivindicações ideológicas.

### **3.2.2. A abordagem Funcionalista**

CARVALHO destaca que a abordagem funcionalista dá ao nacionalismo um certo tipo de função, que pode ser psicológica, relativa ao interesse de classe ou ainda de promover a modernização, ou seja, a identidade varia de acordo com os interesses (econômicos, de identidade, ou outro) (CARVALHO, 2009, p. 33).

BREUILLY, traz várias críticas a essa visão, principalmente, pois acredita ser necessário explicar a intenção dessa função e o resultado da mesma. A maior crítica de BREUILLY se dá à interpretação de que uma das funções do nacionalismo seja promoção da modernização, pois para ele a análise é muito mais profunda, “(...) é necessário ir além das explicações funcionalistas, até as explicações estruturalistas que veem o nacionalismo como um componente da modernidade” (BREUILLY, 2000, p. 166).

### **3.2.3. A abordagem Narrativa**

Essa abordagem tem como certo a ascensão do nacionalismo. Nesse sentido se limita a narrar o desenvolvimento dessa ascensão de forma progressiva, no qual o fim ainda materializar-se-á no futuro. O importante destacar dessa visão é que ela não traz o

aspecto de análise e simplesmente de uma narrativa, que tem uma suposição de começo, meio e fim (BREUILLY, 2000, p.166).

Mais uma vez, BREUILLY, tece suas críticas. Para essa visão, seu argumento se foca no caráter poroso da própria abordagem, pois para ele:

*O problema é que a narrativa não explica nada. Constrói-se com base em pressupostos muito duvidosos. Muitas vezes, por exemplo, presume-se que a história do mundo moderno seja a história da “ascensão” do “moderno” e a “queda” do “tradicional”. Mas fica muito claro que o sentido e o teor das ideias nacionais nos primórdios dessa história eram muito diferentes do que foram no fim (BREUILLY, 2000, p. 167).*

Apesar de BREUILLY descartar todas as três abordagens através de seus argumentos sobre elas acabarem, no final de tudo, sendo minimalistas e pouco explicativas, para este trabalho, a abordagem primordialista é de extrema importância para entendermos a influência do mito nacional em toda a construção da dinâmica da região dos Bálcãs.

### **3.3.O Futebol como ferramenta ideológica**

*Um vazio assombroso: a história oficial ignora o futebol. Os textos da História Contemporânea não mencionam, nem de passagem, em países onde o futebol foi e continua sendo um símbolo primordial de identidade coletiva. Jogo, logo sou: o estilo de jogar é uma maneira de ser, que revela o perfil do próprio de cada comunidade e reafirma seu direito à diferença (GALEANO, 2008, p. 204 APUD ROHDEN, AZEVEDO e AZAMBUJA, 2012, p. 7).*

Como a presente análise tem o objetivo de entender a participação de torcedores de um time de futebol num conflito ideológico armado, é necessário que se compreenda a importância do papel desse esporte no fortalecimento de sentimentos nacionais e da sua influência para a formação de um movimento de massa, pois o futebol é um dos esportes mais famosos no mundo, mas é negligenciado no âmbito acadêmico: “futebol é bastante jogado e insuficientemente pensado” (JÚNIOR, 2007, p.11 APUD ROHDEN, AZEVEDO e AZAMBUJA, 2012, p. 8).

#### **3.3.1. A relação entre futebol e nacionalismo**

Apesar de ser um esporte, ou seja, não deveria ter nenhum tipo de relação com política nem relações internacionais, o futebol acabou por se inserir em vários cenários de

mudanças políticas. AMAZARRAY vai destacar exatamente esse fato quando defende que “o futebol se apresenta como o esporte que mais se cruza com as viradas políticas e sociais do mundo (...)”, além de agir como influenciador de movimentos políticos e sociais (AMAZARRAY, 2011, p. 12).

AMAZARRAY se aprofunda mais ainda nessa representatividade do futebol. O autor vai afirmar que “sob o auspício do futebol se propagam ideias, se definiram regimes, se organizaram resistências e se emularam conflitos (...)” (AMAZARRAY, 2011, p.13).

O Futebol aparece, muitas vezes, como uma forma de exacerbação tanto de um nacionalismo quanto de uma representação ideológica. HOBBSAWN consegue fazer essa relação indivíduo, identidade e esporte de maneira bem clara e explicativa:

*O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar como nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação (HOBBSAWN, 1990, p.171).*

Para o autor, o esporte consegue fazer com que cada indivíduo se sinta representado e importante, pois o time pelo qual se torce pode representar toda uma comunidade, união essa que faz com que o sujeito não se sente marginalizado e sim como membro integrante e ativo.

Quando HOBBSAWN fala que o indivíduo se torna o símbolo da sua própria nação, ressalta-se então a importância que o próprio sujeito entende que possui para a representatividade de sua ideologia nacional.

WIGGEN vai trazer para o cenário do nacionalismo futebolístico não só as seleções nacionais, mas também os próprios clubes de futebol. O autor vai falar que o sentimento nacional aparece, de maneira mais interessante, através dos próprios clubes, pois vão além das associações esportivas e, por causa disso, podem provocar mudanças políticas radicais e mudanças sociais (WIGGEN, 2010, p. 4).

Nesse sentido, podem surgir o que PAIXÃO e KOWASLKI, caracterizaram no item anterior como “emoção perigosa”, pois em prol dessa representatividade nacional, podem existir episódios de violência: “o encantamento inebriante da prática da violência que amarra os homens em um todo coeso, pois cada indivíduo forma um elo violento na grande cadeia, torna-se uma parte do grande organismo da violência em expansão” (ARENDR, 1994, p. 50 APUD PAIXÃO e KOWASLKI, 2011, p. 60)

### **3.3.2. Os Hooligans**

As principais produções acadêmicas existentes sobre futebol e nacionalismo tendem a relacionar o tema aos *hooligans*<sup>37</sup>. ALMEIDA vai dizer que isso se dá devido à grande visibilidade que esses grupos acabaram tendo na mídia, porém FRODSTICK e MARSH vão defender que a violência em torcidas existe desde a Roma antiga (FRODSTICK e MARSH, 2005, p. 4).

PAIXÃO e KOWASLKI vão concordar com FRODSTICK e MARSH, falando que a presença de um comportamento agressivo de forma indiscriminada e generalizada se dá em quase todas as sociedades. Para eles: “a realidade confirma a falta de controle das emoções nos diversos setores que compõe a vida em sociedade (...), os que ocorrem constantemente entre torcedores de futebol que frequentam estádios em todo o mundo” (PAIXÃO e KOWASLKI, 2011, p. 55).

ALMEIDA defende que para entender a relação entre nacionalismo, futebol e sociedade, é necessária uma maior investigação sobre a subcultura dos torcedores (ALMEIDA, 2012, p. 4). PAIXÃO e KOWASLKI vão destacar ainda a importância da emoção, da aclamação ao futebol pela paixão pelo time e como justificativa para sentimentos e sensações de pertencimento além da afirmação e devoção pela sua nacionalidade. (PAIXÃO e KOWASLKI, 2011, p. 55).

Nesse sentido, pode-se concluir que, apesar de ser reconhecido que a violência no futebol existe desde muito tempo, é com os *hooligans*, na década de 60, que ela, de certa forma, se torna institucionalizada, pois com a criação das torcidas organizadas de caráter radical, a violência acabou sendo uma parte fundamental da própria fundação.

---

<sup>37</sup> “Os hooligans constituem uma subcultura de adeptos, originária da Grã-Bretanha em finais da década de 1960 e se caracteriza essencialmente pela procura de confrontação física ou simbólica com outros grupos rivais e\ ou forças policiais. (ALMEIDA, 2012, p. 3).

*Nesse contexto, tomadas pela paixão e emoção, as torcidas organizadas ultrapassam os limites possíveis de condutas permitidas pelas normas vigentes socialmente. Emergem as formas arrebatadas de violência e brutalidade como estratégias inconsequentes, que buscam a intimidação dos seus pares que, no momento presente, se configuram como rivais (PAIXÃO e KOWASLKI, 2011, p. 58).*

Portanto, entende-se que são nesses momentos que ocorrem a concretização da violência no qual o torcedor se justifica em defesa de seu próprio time, pelas cores da bandeira que carrega “exacerbando um tipo de fundamentalismo e fanatismo que caracterizaremos como – emoção perigosa” (PAIXÃO e KOWASLKI, 2011, p. 58).

### **3.3.3. O futebol e o Comunismo**

Devido à falta de produção acadêmica em relação ao tema desse item, tomaremos como trabalho principal o livro de Gilberto Agostino “Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional”, no qual aborda a dinâmica dos times de futebol dentro do sistema comunista.

No seu capítulo “Futebol e Política no Socialismo Real”, AGOSTINO retrata exatamente a maneira como ocorria a instrumentalização do futebol por parte do regime. Esse fator é de extrema importância já que o Estrela Vermelha de Belgrado, o estudo de caso do presente trabalho, surge como uma ferramenta de oposição ao comunismo instalado na ex-Iugoslávia. Essa politização do futebol também foi apontada por AMAZARRAY:

*Não é rara a transposição das realidades políticas com cotidianos alheios às tribunas e palácios, contudo, o futebol se apresenta como o esporte que mais se cruza com as viradas políticas e sociais no mundo, tanto sendo afetado por e refletindo as reações da sociedade dentro do estádio, quando sendo estopim de mudanças e berço de atos que definem a história em alguns momentos (...) (KAPUSCINSKI, 1992 APUD AMAZARRAY, 2011, p.12).*

Inicialmente, na União Soviética, berço do comunismo, o futebol foi encarado de duas maneiras: “como um desvio burguês, permissivo devido às perigosas tendências em torno do individualismo e profissionalismo, por outro, foi um artifício importante do sentido de fortalecer as relações de boa vizinhança” (AGOSTINO, 2011, p. 110). Nesse sentido, o futebol acabou, por fim, sendo usado como instrumento diplomático.

Dentro dessa perspectiva, ALLISON E MONNINGTON acreditam que o esporte pode ser utilizado de duas maneiras pelo Estado: para vender a sua própria imagem ou para penalizar alguma atitude que venham a desaprovar (ALLISON E MONNINGTON, 2002, p. 107). Porém, como a URSS acaba utilizando o futebol como meio estratégico tanto para passar uma imagem de sucesso do regime, como também dá ao esporte o caráter estratégico-diplomático. Nesse contexto podemos classificar a atitude da URSS dentro do conceito de *soft power* desenvolvido por Joseph Nye:

*(...) enquanto o soft power consiste em fazer com que os outros países queiram a mesma coisa que se procura obter, ou seja, moldar as preferências dos outros. (...) Nye ressalta que soft power não é somente influenciar (...) é também atrair, e atração leva muitas vezes a aquiescência (...). O soft power, portanto, cria um ambiente propício para que os países desenvolvam preferências semelhantes ou então tenham interesse em seguir os mesmo objetivos (AMAZARRAY, 2011, p. 16 e 17).*

AGOSTINO confirma essa afirmação de AMAZARRAY, quando fala que, em inúmeras vezes, em partidas contra os Turcos, entre os anos de 1924 e 1936, os jogadores soviéticos foram instruídos a perder alguns jogos, já que um número alto de vitórias poderia prejudicar as relações da URSS e a Turquia.

Como os Estados da União Soviética eram extremamente burocratizados, isso possibilitou uma identificação muito particular com o esporte. Muitos dos clubes fundados pelo regime possuíam a nomenclatura de “Dinamos”, e em muitos lugares, eram odiados, pois representavam a repressão. Nesse sentido “não foram poucas as partidas em que torcedores rivais vaiavam e insultavam a equipe como forma de hostilizar o regime” (AGOSTINO, 2011, p. 112).

Na entrevista feita com o Professor Adriano Freixo, Doutor em História Social pela UFRJ, Mestre em História Política e Especialista em História das Relações Internas pela UERJ, no dia 08 de agosto de 2013, FREIXO destaca que o mais importante para a análise do futebol dentro de um contexto socialista é a sua organização.

*Como o futebol, nos países socialista não era profissional, teoricamente, porque profissionalismo é coisa capitalista. Como é que esses jogadores sobreviviam? Eles tinham que se dedicar ao futebol. Se eles não recebiam salários como os jogadores como é que eles sobreviviam? (...) cada um dos times de futebol passa a ser adotado por um órgão do Estado. Então, por*

*exemplo: você vai ter o time de futebol do exército e o time de futebol da polícia. O Estrela Vermelha tinha grandes ligações com a polícia secreta sérvia.*<sup>38</sup>

Para confirmar as considerações do Professor FREIXO, AGOSTINO fala que enquanto que o *Spartak* era financiado pelas cooperativas industriais, o *Dínamo*, em Moscou, era apoiado pelo Ministério do Interior. Além desses exemplos, existiam inúmeros outros: o CSKA (Exército Vermelho), o Lokomotiv (Trabalhadores do Setor de Transportes), o Torpedo Moskva (Fábrica de Motores), e o Kryla Sovetov (Trabalhadores da Aviação) (AGOSTINO, 2011, p. 112).

Após as considerações de FREIXO e AGOSTINO, podemos notar que essa lógica de organização futebolística do sistema comunista era aplicada não só dentro da Rússia, como se espalhava por toda a União Soviética. De um lado existiam os times que eram apoiados por instituições do próprio regime, enquanto que outros representavam exatamente a oposição gerando, assim, jogos com grande teor ideológico.

### **3.4. Conclusão**

Da mesma forma que os mitos nacionais foram apresentados, no capítulo anterior, como de extrema importância para a construção de uma identidade nacional que acabou por influenciar as guerras ideológicas da região dos Bálcãs durante todo o século XX, ele se apresenta também neste capítulo no que diz respeito ao sentimento nacional.

No item dedicado à apresentação dos conceitos, foi apresentado o conceito de construção nacional através dos mitos tanto por YACK quanto por BREUILLY, onde o primeiro fala de uma ideologia herdada advinda do sucesso dos antepassados, e o segundo vai trazer o caráter sentimental dessa interpretação o que acaba indo de encontro a uma homogeneização cultural, vendo o outro como estrangeiro.

Para entender a influência da utilização desses mitos no consciente do indivíduo foi utilizada a teoria construtivista de WENDT e ANDERSON. Os dois autores trazem a importância da interação social e da consciência de um passado em comum, por parte dos indivíduos, a fim de se construir uma cultura partilhada por todos como também uma comunidade sentida e imaginada pelos próprios cidadãos.

---

<sup>38</sup> FREIXO, ADRIANO. Em entrevista concedida a Luciana Benamor. Rio de Janeiro, 2013.

Podemos concluir então, que o surgimento e a ação dos hooligans são consequências exacerbadas da construção de imaginário nacional. Esse fator em conjunto com o que PAIXÃO e KOWASLKI definiram como emoção perigosa, acabou por incitar os torcedores que tinham reivindicações ideológicas, principalmente dentro de regimes comunistas, onde esses sentimentos nacionais eram repreendidos e condenados por ir de encontro ao sentimento de unidade dentro do comunismo da União Soviética, o que geralmente terminava em conflito.

*Parece não haver espaço para o sentimento de culpa e/ou arrependimento dos desfechos de ações, sejam elas de pura explosão de emoção decorrente de comemoração de um gol de seu time ou mesmo agressões físicas, provocações e ofensas proferidas por esses apaixonados no decorrer, ou após o jogo (PAIXÃO e KOWASLKI, 2011, p. 55).*

Nesse sentido, os clubes de futebol acabaram por surgir como uma forma de manifestação da sua própria identidade por parte dos torcedores, já que num estádio de futebol era permitido extravasar suas emoções. Foi nesse contexto que acabaram surgindo conflitos de caráter ideológico através do futebol, tendo como os hooligans o seu principal instrumento, chegando ao ponto de fazerem parte da formação de um exército no caso da Sérvia. O Professor Adriano Freixo confirma essa análise quando fala, em entrevista, que “na Sérvia, numa conjuntura específica de guerra, utiliza-se os torcedores para criar uma unidade paramilitar para promover massacres contra o inimigo”.

#### 4. O ESTRELA VERMELHA DE BELGRADO

*Senhora, eu levei meu filho ao jogo do Estrela Vermelha na Bulgária para lhe dar lições de patriotismo. Cabe a você decidir, em vossa alma e consciência, se esta falta vai ser considerada justificada ou injustificada*<sup>39</sup>. (IVAN COLOVIC, p. 56 APUD AGOSTINO, 2011, p. 135)

No capítulo anterior, foi apresentada a dinâmica institucional a qual o futebol estava inserido dentro do sistema socialista. Com a morte do Marechal Tito e a ascensão de Slobodan Milosevic na década de 1980, o futebol, na Sérvia, acabou servindo como metáfora para manifestações explosivas de nacionalismo.

O que faz desse capítulo tão importante é a singularidade do hooliganismo belgradiano: os torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado não só expressaram seu sentimento nacional nas partidas de futebol, como também fizeram parte de grupos paramilitares de Slobodan Milosevic durante a Guerra Civil da Iugoslávia na década de 1990, trazendo uma nova dimensão entre violência, esporte e sociedade.

##### 4.1.A criação do Estrela Vermelha e o nacionalismo sérvio

Foi no início da formação da Iugoslávia que o Estrela Vermelha surgiu. O clube foi fundado pela quase falida polícia secreta sérvia em 1945, devido a isso dependia de doações de material desportivo de clubes como o *Obelisc* e o *FK Slavija* (WILSON, 2006, p. 105).

Já que dentro da lógica socialista, cada clube era administrado por uma instituição, o clube foi criado por uma organização sérvia e não Iugoslava, nascendo, assim, como uma forma dos nacionalistas sérvios expressarem a sua aversão ao regime comunista e que proibia qualquer tipo de manifestação nacional (FOER, 2005, p. 20)

MILLS vai falar que isso era evidente, pois quem apoiava os *Partizans* acabava por apoiar o Estado iugoslavo, já que era formado por pessoas do governo e financiados pelo exército do país, e aqueles que torciam pelo Estrela Vermelha apoiavam a Sérvia. Para exemplificar isso, MILLS fala que os *Partizans* faziam suas partidas do estádio do exército iugoslavo, enquanto que o Estrela Vermelha era o time do povo (MILLS, 2009, p. 10).

---

<sup>39</sup> Ivan COLOVIC, relata o diálogo de um pai com a professora do filho, após leva-lo para assistir o jogo do Estrela Vermelha na Bulgária (AGOSTINO, 2011, p. 134).

*Esses caras, o site do Delije fala, tinham algo de especial, pois representavam a própria alma da nossa capital. A maioria eram caras violentos ou boêmios, jovens de Belgrado que não gostavam do exército ou do sistema comunista (...) o Estrela Vermelha sempre foi um clube para os pobres e desesperados, e para sentimentos anti-titoistas e anti-federalistas (WILSON, 2006, p. 105)<sup>40</sup>.*

O crescimento de torcedores do clube se deu, além da divulgação de sua fama anti-regime, pela vitória contra os *Partisans* pelo placar de 3x2, em sua primeira partida. Desde então, passou por uma série de 20 jogos invictos, agregando, cada vez mais, simpatizantes (WILSON, 2006, p. 105).

Esses dois clubes, além de ser uma metáfora da Revolução Comunista no pós-Segunda Guerra Mundial, representavam, tanto para os seus torcedores, quanto para o cenário internacional, o confronto ideológico interno do país (MILLS, 2009, p. 10).

*Os torcedores do Partizan e do Estrela Vermelha trocavam ameaças cheias de morte, sangue, machados e massacres. Os primeiros gritavam “Se você está feliz, mate um Gypsy (apoiadores do Estrela Vermelha) (COLOVIC, 2002, p. 271)<sup>41</sup>.*

Tanto para FOER, MILLS, AGOSTINO e COLOVIC, torcer para o time do Estrela Vermelha de Belgrado representava um ato supremo de patriotismo, principalmente com a chegada de Slobodan Milosevic no poder, pois através de sua incitação ao nacionalismo sérvio, os apoiadores do clube começaram a ter maior destaques como os principais representantes dessa identidade.

COLOVIC ainda vai falar que, para alguns jornais de mídia esportiva da Sérvia na época, o grande valor que o clube vinha a ter era a sua identidade sérvia e que esse apoio ao Estrela Vermelha, também significava um maior apoio a Sérvia de Milosevic, ou o que ele chamou de “Serbdom” Nesse contexto, destaca uma crítica feia por Petar Dzadzic, um crítico literário, que falou que identificava quatro instituições importantes

---

<sup>40</sup> “*These guys, the Delije’s website says, had somethind special, because they represented the very soul o four capital. Mostly they were rough guys or bohemians, Young Belgradians who did not like the army or the Communist system (...) Red Star have Always been a club for the poor and the disaffected, and thus for anti-Titoist and anti-federalist feeling*” (WILSON, 2006, p. 105).

<sup>41</sup> “*Partizan and Star supporters Exchange threats full of death, blood, exes and slaughter. The first shout: If you’re happy kill a Gypsy. The Gypsies have ready response: With an axe in the hand, and a knife in the teeth, there’ll be blood spilled tonight, the Gravediggers red blood. Oh Gravediggers, Gravediggers, now you are nothing (...)*” (COLOVIC, 1999, p. 271).

na vida social dos sérvios: a Academia de Ciências e Artes da Sérvia, a editora *Prosveta*, o jornal *Politika* e o Estrela Vermelha (COLOVIC, 2002, p. 267 e 268).

#### **4.2.Os torcedores e os conflitos étnicos da década de 1990.**

Com o dilema de segurança inflamado pelos nacionalismos ideológicos instalados na região por Milosevic e intensificado pela eleição de Tudjman na Croácia, em 1990, os torcedores do Estrela Vermelha viram a oportunidade de tirar o foco do seu ódio contra o sistema e transferi-lo para a proteção dos sérvios em outros países que se declaravam independentes.

É nesse contexto de conflito que o Estrela Vermelha vence a Liga dos Campeões da Europa em 1991. Acreditava-se que esse sucesso poderia trazer de volta o sentimento de união nacional, já que o clube possuía jogadores de todos os lugares da Iugoslávia, porém WILSON acredita que as disparidades internas do país já eram irreparáveis para que pudessem surgir sentimentos federalistas (WILSON, 2006, p. 107). FOER vai complementar essa afirmação quando fala que:

*Essa performance deveria ter proporcionado alguma esperança de salvação para a Iugoslávia multiétnica. Mas, à sombra dessa temporada do campeonato, na sede e no estádio do Estrela Vermelha tramava-se a destruição dessa Iugoslávia (FOER, 2004, p. 18).*

Alguns anos antes dos conflitos armados da década de 1990 explodirem, os torcedores, que já apresentavam caráter nacionalista, começaram a levar para os estádios fotos de líderes políticos, cantar canções dos *Chetniks* ou fazer saudações dos *Ustashas* (COLOVIC, 2002, p. 259 e 260). Com o aumento da intensidade do ódio entre croatas e sérvios, principalmente devido à incitação nacional por parte de seus líderes, esses grupos rivais do passado começaram a ser entoados nas canções do Estrela Vermelha:

*O emblema na minha boina  
Esta tremendo, tremendo  
Nós assassinaremos, nós mataremos  
Todos aqueles que não estão com o Estrela.*

*Preparem-se, Gravediggers,  
Vai ser uma batalha sangrenta,  
Cabeças heroicas irão rolar,  
Nós vamos massacrar nossos irmãos Ustashas  
O Exército Sérvio está em movimento*

*Indo em direção a Zagreb, em direção a Zagreb*  
*Nós assassinaresmos, nós mataresmos*  
*Todos que não estão conosco* (COLOVIC, 1999, p. 274 e 275)<sup>42</sup>.

O jogo entre Dínamo de Zagreb (clube croata) e o Estrela Vermelha de Belgrado, que aconteceu em maio de 1990, é o marco inicial dos conflitos entre os dois países. FOER vai destacar que a batalha travada entre os torcedores dos dois times, foi, depois de 15 anos de pacificidade, a primeira vez que esses grupos étnicos se enfrentaram abertamente (FOER, 2004, p. 20).

FOER também vai falar que o governo tinha preferências por estilo *hooligan*, pois precisava de “uma força que pudesse aterrorizar os civis, fazendo com que muçulmanos e croatas fugissem de seus lares nos territórios que os sérvios esperavam controlar” (FOER, 2004, p. 25), afinal, para esse tipo de batalha, FOER fala que não são necessárias tropas convencionais.

*O regime no poder adquire lutadores, que já se demonstraram violentos e fanáticos, que, de acordo com a crença de todos, são mais capazes de fazer o trabalho “sujo” da guerra do que o exército convencional, e, ao mesmo tempo, oferece uma oportunidade para esses soldados hooligans se redimirem de suas transgressões em tempos de paz, através do sacrifício pela pátria, retornando sob sua proteção e conquistando o amor reservado ao filho prodígio penitente* (COLOVIC, 2002, p. 286)<sup>43</sup>.

COLOVIC vai dizer ainda, que dentro desse contexto, os torcedores acabaram por se tornar um “capital de ódio” para o Estado em conflito armado, ou seja, os *hooligans* do Estrela Vermelha de Belgrado passaram a ser um instrumento para a realização de objetivos de guerra (COLOVIC, 2002, p. 280).

### **4.3. Quem foi Arkan?**

---

<sup>42</sup> “*The emblem on my beret is shaking, shaking, we will murder, we will kill all who are not eith Star. Prepare yourselves, Gravediggers, it will be a fierce battle, heroic heads will fall we’ll slaughter our brother Ustashes. The Serbian army is on the move heading for Zagreb, heading for Zagreb, we will murder, we will kill all who are not with us*” (COLOVIC, 1999, p. 274 e 275).

<sup>43</sup> “*The regime in power acquires fighters, demonstrably fierce and fanatical, who, according to a widely-held belief, are better able to carry out the ‘dirty’ business of war than regular army, and at the same time offers an opportunity for such hooligan-fan-fighter to redeem their peacetime transgressions and sacrificing themselves for the Fatherland, to return under its wing and earn the love reserved for the penitente Prodigal Son*” (COLOVIC, 1999, p. 280).

Como o que foi discutido no item anterior, é possível compreender que essa participação dos hooligans na Guerra Civil Iugoslava é um exemplo, extremo, de como o futebol, nacionalismo e política podem se relacionar.

Para que fosse possível que os torcedores do Estrela Vermelha, era necessário algum tipo de recrutamento e treinamento. É dentro desse contexto que aparece a figura de Zeljko Raznatovic, mais conhecido como Arkan.

Arkan nasceu em 1952 na Sérvia Iugoslava. Filho de pai militar, oficial da força aérea do Marechal Tito, Arkan acabou se tornando um jovem rebelde sendo preso pela primeira vez aos 17 anos por roubo (FOER, 2004, p. 21). Após esse acontecimento, seu pai, a fim de tirá-lo da vida criminosa, usou os seus contatos para apresenta-lo a Polícia Secreta Sérvia, porém Arkan fugiu para a Bélgica, Itália e Holanda seguindo carreira como ladrão de Bancos (WILSON, 2006, p. 110), e acabou sendo preso inúmeras vezes. Assim começou a ser conhecido por toda a Europa, mas não por suas condenações, mas sim por suas fugas:

*Ele tinha capacidade mágica de fugir. Em 1974, os belgas o prenderam por assalto a mão armada. Três anos depois, ele escapou da prisão e fugiu para a Holanda. Quando a polícia holandesa o pegou, ele arranhou um jeito de fugir outra vez. Naquele mesmo ano, repetiu o feito num hospital-prisão alemão. Sua obra prima foi a aparição no tribunal sueco que julgava seu sócio Carlo Fabiani. Arkan irrompeu na sala do tribunal portando uma arma em cada mão. Apontou uma para o juiz e jogou outra para Fabiani (FOER, 2004, p. 22).*

Com essa fama que adquiriu, Arkan passou a ser procurado em toda Europa Ocidental e acabou, então, voltando para Belgrado em 1986 e voltou a trabalhar para Polícia Secreta (WILSON, 2006, p. 111). Dentro da instituição, ajudou Milosevic a se tornar Chefe do Partido Comunista Sérvio, que ao mesmo tempo que incentivava o nacionalismo, sabia que o mesmo precisava ser controlado, para que não se voltasse contra ele (FOER, 2004, p. 23).

Como o clube Estrela Vermelha de Belgrado se tornou símbolo nacional sérvio, Milosevic enxergou, em seus torcedores, o instrumento perfeito para a formação de um exército. O time era patrocinado e administrado pela Polícia Secreta Sérvia, nesse sentido, Milosevic nomeou Arkan, que ainda trabalhava pra instituição, para unir as

torcidas organizadas e focar o nacionalismo em prol da defesa dos seus compatriotas fora da Sérvia (WILSON, 2006, p. 111 e 112).

Arkan então unificou as torcidas sobre o nome de Delije, porém manteve a característica principal dos *hooligans*: a violência e dentro de um contexto de guerra, “o Delije de Arkan revelou-se um irresistível veículo de recrutamento. Afinal de contas, o Delije tinha reputação de praticar uma violência cruel e depois celebrá-la em suas canções” (FOER, 2004, p. 25).

Logo após a partida entre Dínamo de Zagreb e o Estrela Vermelha de Belgrado, em 1990, Arkan percebeu que a guerra entre Croácia e Sérvia era iminente e começou a preparar seus torcedores mais fanáticos para o conflito formando um exército, o qual denominou de Tigres (COLOVIC, 1999, p. 276).

*Como ele declarou em entrevista alguns anos depois: “Nós, torcedores, primeiro treinamos sem armas (...) Desde o início eu insisti na disciplina. Os torcedores fazem barulho, querem ficar bêbados, vadia. Resolvi acabar com tudo isso de uma só tacada: obriguei-os a cortarem o cabelo, fazerem a barba regularmente, pararem de beber, e tudo entrou nos trilhos”* (FOER, 2004, p. 25).

Os Tigres de Arkan participaram da primeira ofensiva sérvia em 1992, contra a Croácia, da Guerra da Bósnia, no mesmo ano e também do conflito na sérvia quando os croatas, em 1995, lançam sua contraofensiva (WILSON, 2006, p. 112). Logo o exército formado pelos torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado começaram a ganhar destaque: na Sérvia eram heróis, porém para o mundo eram aqueles que acabaram cometendo os maiores massacres durante a guerra civil: “Ao final da guerra na Croácia e na Bósnia (...) os Tigres de Arkan haviam assassinado dois mil homens e mulheres, cortando gargantas, estrangulando, ou utilizando outros métodos de execução” (FOER, 2004, p. 27).



(Fonte: Documentário “Hooligans do Estrela Vermelha de Belgrado”)

Após o fim dos conflitos, Arkan esperava tornar-se dono do Estrela Vermelha, pois além de se considerar digno do cargo, queria aumentar a adoração de que era alvo, e, também, tentar reverter a sua fama internacional; porém os dirigentes se negam a vender o clube e Arkan resolve, então, comprar outro time de futebol sérvio, o Obilic, o qual tinha o objetivo de torna-lo um novo Estrela Vermelha (WILSON, 2006, 113).

Sob sua administração e praticando ameaças aos outros clubes, o *Obilic* triunfou de maneira rápida, porém nunca conseguiu ganhar nenhuma competição internacional, já que Arkan não ousava ameaçar os times de outros países. Os outros times da sérvia começaram a se sentir insatisfeitos com o terrorismo a que sofriam e organizaram-se contra Arkan. Devido a isso, o *Obilic* começou a cair para uma posição mais a baixo (FOER, 2004, p. 30).

Arkan é assassinado a tiros em 2000, e muitas são as teorias que envolvem esse acontecimentos, alguns acreditam que o filho de Milosevic, Marko, se incomodava com a fama de Arkan (FOER, 2004, p. 30), já outros defendem que seus sócios no *Obilic* descobriram que ele roubava dinheiro do clube (WILSON, 2006, 114).

Arkan morre e o seu personagem acaba que se torna um tabu entre os sévios. Durante o documentário “Hooligans do Estrela Vermelha de Belgrado”<sup>44</sup>, os torcedores

---

<sup>44</sup> “Red Star Belgrade Hooligans” – Documentário independente lançado em 2005.

entrevistados evitam falar dele, pois ao mesmo tempo em que respeitam tudo que ele fez em prol do nacionalismo sérvio, condenam as atrocidades que seu exército cometeu durante a guerra.

Esse fato foi confirmado em entrevista feita por Luciana Benamor, a um jovem sérvio, Dragan Dovicin, torcedor do Estrela Vermelha, no dia 22 de novembro de 2013. Quando foi perguntado “quem era Arkan?”, Dragan respondeu: “Marido da cantora Ceca”, logo em seguida indagou-se “ Você sabe se Arkan possuiu alguma relação com os torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado e com os Tigres?”, o jovem responde “Não. Arkan e os Tigres estão no passado da Sérvia. Não quero mais falar sobre isso.”.

Os Tigres de Arkan não existem mais, porém o Delije permanece acompanhando o Estrela Vermelha de Belgrado em todos os jogos, ainda com seu caráter nacional extremamente exacerbado e, mesmo responsáveis por grandes atos de violência, são respeitados e considerados como heróis.

Figura 06 – Pintura no muro do estádio do Estrela Vermelha de Belgrado em que está escrito “Heróis”.



(Fonte: Documentário “As Reais Fábricas do Futebol”<sup>45</sup>).

#### **4.4. Do apoio ao repúdio à Milosevic**

---

<sup>45</sup> “*Real Football Factories*” – produzido pela CNN e lançado em 2004.

O nacionalismo sérvio voltava ao cenário da Iugoslávia impulsionado por Milosevic e exercido pelos torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado. Nesse sentido, Slobodan acabou por se tornar um líder extremamente carismático e respeitado apoiado pelos cidadãos da Sérvia. Quando Milosevic resolve entrar num conflito armado com o discurso de proteger as minorias sérvias nas regiões que se declaravam independentes, a maior maneira dos torcedores do Estrela Vermelha demonstrarem a sua identidade nacional era fazendo parte do exército que iria cumprir esse objetivo.

*Nós somos os Valiants da orgulhosa sérvia  
Venham para o terraço, saudar a raça sérvia  
De Kosovo ao Knin, os sérvios permanecem ombro a ombro  
Slobo sérvio, a Sérvia está com você.*

*Quem fala, quem mente que a Sérvia é pequena  
Não é pequena, não é pequena, nos deu Slobodan!* (COLOVIC, 2002, p. 273)<sup>46</sup>.

Com as atrocidades cometidas pelos Tigres de Arkan, a mando de Milosevic, a comunidade internacional resolve interferir, em 1992, com a sanção das Nações Unidas de embargo econômico 757 à Iugoslávia, a FIFA e a UEFA absorveram as represálias e proibiram, inicialmente, que qualquer time Europeu jogasse em território Iugoslavo e logo em seguida, que nenhuma partida de futebol poderia ser jogada no país (MILLS, 2009, p. 17).

Essa decisão por parte das duas maiores autoridades do futebol mundial acabou por deixar os torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado desgostosos, pois o time não poderia jogar mais no seu glorioso estádio, o Marakana. Além do que o país também estava sofrendo com a proibição de importar e exportar produtos e a população já estava começando a se virar contra Milosevic.

*Para catapultar o movimento anti-Milosevic, a liderança progressista convocou dois grupos a fornecerem participantes para manifestações, a União dos Estudantes e o Delije do Estrela Vermelha. Desde o final dos anos 1980, Milosevic já se preocupava com a possibilidade de que a sincera adesão do Delije ao nacionalismo sérvio viesse construir um obstáculo a suas cínicas maquinacões. Agora, o Delije levantava-se para isso* (FOER, 2004, p. 31)

---

<sup>46</sup> “We are the Valiants from proud Serbia, come on to the terraces, greet the Serbian race, from Kosovo to Knin, Serbs stand shoulder to shoulder, Serbia Slobo, Serbia is with you. Who says, who lies Serbia is small, it’s not small, it’s not small, it gave us Slobodan!” (COLOVIC, 2002, p. 273).

Logo o Delije aderiu ao movimento através de assaltos a prédios governamentais em busca de provas da corrupção de Milosevic e enfrentamento com a polícia próximo a residência do ditador. Além disso, quando iam enfrentar as barricada com uniformes do clube, cantavam: “Mate-se, Slobodan”. FOER vai chamar a deposição de Milosevic, em 2000, pelos sérvios de “a Revolução do Estrela Vermelha” (FOER, 2004, p. 31 e 32).

#### **4.5. Conclusão**

O Estrela Vermelha de Belgrado é fundado em 1945 pela Polícia Secreta Sérvia e logo se torna um símbolo da crescente identidade nacional dos sérvios na Iugoslávia Comunista, regime em que repreendia manifestações nacionalistas. Nesse sentido encontra nos *Partizans* (o time do exército iugoslavo) o seu principal rival internamente, o que traz para a rivalidade desses dois clubes de futebol, o caráter étnico.

Com a chegada de Milosevic ao poder (década de 1980) e o seu incentivo ao nacionalismo sérvio, o clube acabou por se tornar uma instituição extremamente importante para aqueles que defendiam o retorno da Sérvia autônoma e queriam expressar o seu nacionalismo sem sofrer repressão.

Os torcedores logo começaram a absorver as características do hooliganismo europeu: bebida e violência. Milosevic percebe, então, que esse nacionalismo descontrolado dos torcedores do Estrela Vermelha precisa ser direcionado e para tal nomeia Arkan para fazer o serviço e ele acaba por institucionalizar os hooligans sob uma torcida organizada única, denominada Delije. Com a iminência da guerra, Arkan resolve canalizar o nacionalismo dos seus torcedores para as ameaças externas e, assim, passa a treiná-los para formar uma organização paramilitar, os Tigres.

Percebe-se que, apesar de Milosevic ter sido considerado um ícone inicialmente, a lealdade dos torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado encontra-se com a Sérvia, e quando eles perceberam que Slobodan já não fazia bem a sua nação, foram os primeiros a participar dos movimentos que o tiraram do poder.

Observa-se então que os hooligans passaram a servir como um instrumento de estratégia de guerra devido ao seu caráter violento. Nesse sentido compreende-se a dimensão que pode tomar a relação entre futebol, nacionalismo e política, principalmente dentro de

um contexto em que os clubes de futebol são financiados por instituições que representam diferentes identidades.

## **5. CONCLUSÃO**

Considerando a importância já apresentada que o futebol pode apresentar dentro de um cenário político, inclusive dentro de um contexto de guerra, esta pesquisa procurou mostrar como se deu a participação de torcedores de um time de futebol tanto num combate armado compondo um exército, tanto na deposição de um líder ditador. Para tanto apresentou uma breve contextualização da formação do sentimento nacional, tanto da Sérvia e da Croácia, como também o surgimento de uma ideia Iugoslava. Logo em seguida relacionou o nacionalismo e o futebol através dos conceitos de nacionalismo e a influência do mesmo nos torcedores de futebol e logo em seguida apresentou seu estudo de caso: os *hooligans* do Estrela Vermelha de Belgrado.

Para entender de que forma a participação dos hooligans na Guerra Civil na Iugoslávia afetou o nacionalismo sérvio e a desintegração do país, procurou-se apresentar os principais fatos que aconteceram ao longo da história da região dos Balcãs. Nesse sentido foi explicada a importância dos mitos nacionais para a criação de uma identidade, principalmente do mito da Grande Sérvia de vitimização de seu povo, que sempre sonhava e lutava por uma autonomia e liberdade de domínio estrangeiro.

Esses mitos acabaram por acompanhar toda a dinâmica dos Balcãs, desde o domínio do Império Turco-Otomano (século XIV), passando pela Primeira Guerra Mundial, pelo domínio do Império Austro-Húngaro, pela criação do Reino dos Sérvios Croatas e Eslovenos, pela Segunda Guerra Mundial e por fim, ressurgindo com toda força na Iugoslávia na década de 1980.

O nacionalismo étnico surge, então, como o grande influenciador dos conflitos vividos pela região. Foram apresentados conceitos diferentes de vários autores, a fim de se mostrar que, atualmente, não existe uma descrição definida sobre esse sentimento de identidade.

Adotou-se assim o conceito de YACK em que traz o mito como parte dessa formação de construção do imaginário nacional. O futebol aparece como um meio de manifestar esse nacionalismo, pois, para o torcedor, assim como destacado por HOBBSAWN, o jogo é metáfora de sua própria vida e ao torcer sente que faz parte ativamente daquela comunidade.

Dentro desse contexto de futebol e nacionalismo, o presente trabalho destacou a importância da dinâmica a qual o futebol estava inserido dentro de um sistema comunista, onde cada clube era patrocinado por uma instituição diferente dentro do próprio país. Foi exatamente esse tipo de organização que trouxe para o estudo de caso do trabalho apresentado no último capítulo, os hooligans do Estrela Vermelha de Belgrado, um caráter tão nacional.

Apesar de ter surgido de forma simples, mas como um símbolo do ressurgimento do sentimento nacional sérvio, ser torcedor do Estrela Vermelha era o auge da representatividade do seu patriotismo pela nação Sérvia. Seu sucesso chegou ao auge com a conquista, em 1991, do Campeonato Europeu.

Os hooligans do Estrela Vermelha de Belgrado aparecem assim, como o auge dessa manifestação futebolística nacional. Eles se manifestaram como um instrumento de ressureição da construção da identidade sérvia como símbolo dessa identidade e, assim, trazendo, cada vez mais, apoiadores: torcer para o Estrela Vermelha passou a ser a representação metafórica da sérvia.

Toda essa devoção passou a ser vista como instrumento, por Milosevic, para conseguir seus objetivos estratégicos de guerra, assim, explorando o nacionalismo exacerbado desses torcedores, Arkan institucionaliza o hooliganismo belgradiano inicialmente através do Delije e posteriormente pela criação dos Tigres.

Manipulados por seus “heróis”, os *hooligans* do Estrela Vermelha acabaram participando dos conflitos armados da Croácia (1991) e da Bósnia (1992), promovendo grandes massacres com a justificativa de proteção a sua etnia sérvia. Porém, quando se sentiram prejudicados, e impulsionados por uma oposição crescente à Milosevic dentro do país, os torcedores acabaram fazendo parte também, do movimento que FOER chamou de “a Revolução do Estrela Vermelha” que depôs o ditador, em 2002.

Nesse sentido, procurou-se mostrar ao leitor que o futebol pode sim, causar em seus torcedores, sentimentos nacionais exacerbados que dependendo da forma com que forem vistos por seus líderes, podem tomar proporções descontroladas.

Através dessa análise, o presente trabalho também possui o objetivo de alertar para esse tipo de institucionalização dos *hooligans*, pois, como foi apresentado, é uma situação

que pode facilmente sair do controle e trazer consequências desastrosas, nesse sentido esses efeitos também foram sentidos por todo o cenário internacional.

Atualmente o Delije continua sendo praticante de atos de violência característica dos *hooligans*, o enfretamento físico contra policiais e contra seus rivais, mas também apresenta grande caráter ideológico nacional. Ao ser perguntado se o Estrela Vermelha ainda continuava representando o nacionalismo sérvio, o jovem Dragan Dovicin responde “Mais é claro que sim! Somos o maior clube da Sérvia”.

FOER vai dizer que, hoje, os componentes do Delije ainda possuem um espaço privilegiado entre os dirigentes do clube, diferentemente dos hooligans de outros lugares do mundo que possuem uma fama ruim tanto para o clube quanto para a sociedade (FOER, 2004, p. 13).

*Mas no Estrela Vermelha os torcedores violentos ocupam um lugar de honra, e mais que isso: reúnem-se com os dirigentes do clube para atualizarem o plano de ação de suas gangues. Seus líderes recebem remuneração. E, como parte desse pacote, têm acesso a um escritório na sede do clube, localizado no bairro de classe média alta de Topcider (FOER, 2004, p. 13).*

O ódio direcionado para outras nações, principalmente a Croácia não encontra-se mais presente na maioria, porém está naqueles mais violentos e que estiveram presentes nos conflitos étnicos da década de 1990. Ao entrevista os líderes atuais do Estrela Vermelha de Belgrado, FOER pergunta: “Quem você mais odeia?” e um deles responde: “Um croata, um tira; não faz diferença. Eu mataria todos eles”.

Ao entrar no site oficial da torcida, confirma-se esse contínuo caráter de identidade nacional, pois a única escrita que não encontra-se em alfabeto lírico é: “Kosovo é Sérvia”, referente a tentativa do Kosovo de declarar-se independente em 2006, a qual a Sérvia respondeu, novamente, com um conflito armado.

Figura 07: a escrita “Kosovo é Sérvia” no site oficial do Delije



(Fonte: Site oficial da torcida organizada do Estrela Vermelha de Belgrado: Delije)

Conclui-se então, após os capítulos, que as atitudes dos hooligans do Estrela Vermelha de Belgrado é fruto de todo um processo nacional de luta por liberdade em defesa da identidade sérvia. O mito nacional da Grande Sérvia acabou por trazer essa eterna luta para o contexto atual. Com o advento do estádio de futebol como palco para expressar suas manifestações de forma exagerada, os jogos passaram o espaço para que esses torcedores pudessem representar o seu patriotismo da forma que lhe conviessem sem algum tipo de repressão.

Nesse sentido, dentro do contexto da organização futebolista num cenário de sistema comunista, essa expressão nacional dentro do futebol acabou ganhando proporções maiores. Ao enxergar um possível exército desses torcedores, Milosevic achou que por nomear Arkan, conseguiria ter controle das ações dos mesmo, o que acabou por se provar um grave erro, pois, logo após a morte de Arkan, o Delije acabou se voltando contra ele.

É importante, então notar, essa relação fantástica entre o futebol, política e nacionalismo que ao mesmo tempo pode ser um instrumento favorável e facilitador de união nacional, pode tomar proporções devastadoras através da promoção da violência e do terror não só em seu território nacional, mas contra qualquer um que eles considerem que são prejudiciais a manifestação de seu ideal.

## 6. BIBLIOGRAFIA

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALLISON, Lincoln e Monnington Terry. **Sport, Prestige and International Relations**. Londres, 2002.

ALMEIDA, Pedro Souza. **O papel do futebol em contextos pós-conflito: o caso dos Balcãs**. São Paulo, 2012.

AMAZARRAY, Igor. **Futebol: O esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANZULOVIC, Branimir. **Heavenly Serbia: From Myth to Genocide**. Nova Iorque: New York University Press, 1999.

BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BANAC, Ivo. **The National question in Yugoslavia: Origins, History, Politics**. Nova Iorque: Cornell University Press, 1988.

CARVALHO, Beatriz Thomaz. **Madrid Cabrón, Saluda el Capeón! Uma análise do papel do Futbol Club Barcelona no nacionalismo catalão**. Niterói, 2009.

FRODSTICK, Steve and MARSH, Peter. **Football Hooliganism**. Reino Unido: Willan Publishing, 2005.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2010.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e Nacionalismos desde 1780**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LITTLE, Allan e SILBER, Laura. **The Death of Yugoslavia**. Londres: Penguin Books, 1995.

MILLS, Richard. **It All Ended in a Unsporting Way: Serbian Football and the Desintegration of Yugoslavia, 1989-2006**. In *The International Journal of the History of Sport*. Londres: Routledge, 2009.

MILOSAVLJEVIC, Oliveira. **Yugoslavia as a Mistake**. In POPOV, Nebojsa (ORG). **The Road to War in Serbia**. Hungria: Central European University Press, 2000.

PAIXÃO, Jairo Antonio e KOWASLKI, Marizabel. **Emoção na torcida de futebol: uma paixão perigosa**. São Paulo, 2011.

PAVKOVIC, Aleksandar. **The Fragmentation of Yugoslavia: Nationalism and war in the Balkans**. 2ª Edição. Londres: St. Martins's Press, 2000.

ROHDEN, Luiz; AZEVEDO, Marco Antonio; AZAMBUJA, Celso Cândido. **Filosofia e Futebol: troca de passes**. Porto Alegre: Meridional, 2012.

SOTIROVIC, Vladislav. **Creation of the Kingdom of Serbs, Croats and Slovenes, 1914-1918**. Lituânia, Vilnius University Press, 2007.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WILSON, Jonathan. **Behind the Curtain**. Londres: Orion, 2006.

YACK, BERNARD. **The myth of the civic nation**. *Critical Review*, vol.10, no.2, pp. 193–211, 1996.

\_\_\_\_\_. **What Happend to Yugoslavia? The war, the Peace and the Future**. Estados Unidos: Centro de Estudos Europeus da Universidade da Califórnia, 2004.

## 6.1. Bibliografia Virtual

ADLER, Emanuel, **O Construtivismo no Estudo das Relações Internacionais**. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ln/n47/a11n47.pdf>>

MOYER, Judith. **Step-by-Step Guide to Oral History**. Disponível em <[http://dohistory.org/on\\_your\\_own/toolkit/oralHistory.html#ACCURACY](http://dohistory.org/on_your_own/toolkit/oralHistory.html#ACCURACY)>. Acessado em Maio de 2013.

VUJACIC, Veljko. **Serbian Nationalism, Solobodan Milosevic and the origins of the Yugoslav war**. Disponível em <<http://www.suc.org/politics/history/vujacic.html>>. Acessado em Outubro de 2013.

WIGGEN, Mette. **“Football is War”: Nationalism, national identity and Football**. Disponível em <[http://yabastamedia.files.wordpress.com/2010/05/nationalism\\_dissertation.pdf](http://yabastamedia.files.wordpress.com/2010/05/nationalism_dissertation.pdf)>. Acessado em Novembro de 2013.

WINTROBE, Ronald. **Slobodan Milosevic and the Fire of Nationalism**. Disponível em <<http://www.world-economics-journal.com/Contents/ArticleOverview.aspx?ID=107>>. Acessado em Março de 2013.

### 6.1.Referências Audiovisuais

**Real Football Factories** – Documentário, 2004. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=o9Q636h2i18>>. Acessado em Outubro de 2013.

**Red Star Belgrade Hooligans** – Documentário, 2005. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=f9PHNsZK2yc>>. Acessado em Outubro de 2013.